



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS IV  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA  
DEPARTAMENTO LETRAS E HUMANIDADES – DLH  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS**

**DAYSE FERREIRA DA SILVA**

**PROCESSOS VERBAIS EM ARTIGOS CIENTÍFICOS DE  
LINGUÍSTICA QUALIS A1: UMA ANÁLISE LÉXICO-GRAMATICAL**

**CATOLÉ DO ROCHA  
2025**

DAYSE FERREIRA DA SILVA

**PROCESSOS VERBAIS EM ARTIGOS CIENTÍFICOS DE LINGUÍSTICA QUALIS  
A1: UMA ANÁLISE LÉXICO-GRAMATICAL**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras Português, do Centro de Ciências Humanas e Agrárias – Campus IV, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras Português.

**Área de concentração:** Linguística Aplicada.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Clara Regina Rodrigues de Souza.

**CATOLÉ DO ROCHA  
2025**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586p Silva, Dayse Ferreira da.  
Processos verbais em artigos científicos qualis A1  
[manuscrito] : uma análise léxico-gramatical / Dayse Ferreira  
da Silva. - 2025.  
52 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras  
português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Ciências Humanas e Agrárias, 2025.

"Orientação : Prof. Dra. Clara Regina Rodrigues de Souza,  
Departamento de Letras e Humanidades - CCHA".

1. Discurso científico. 2. Linguística sistêmico-Funcional. 3.  
Sistema de transitividade. 4. Processos verbais. I. Título

21. ed. CDD 401.41

DAYSE FERREIRA DA SILVA

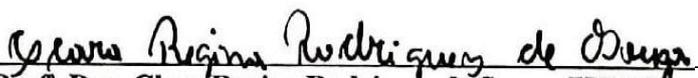
PROCESSOS VERBAIS EM ARTIGOS CIENTÍFICOS DE LINGUÍSTICA QUALIS A1:  
UMA ANÁLISE LÉXICO-GRAMATICAL

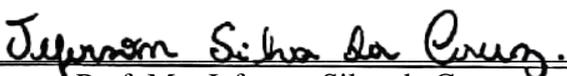
Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras Português, do Centro de Ciências Humanas e Agrárias – Campus IV, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras Português.

Área de concentração: Linguística Aplicada.

Aprovada em: \_\_29 / \_\_05 / \_\_2025\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Clara Regina Rodrigues de Souza  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Me. Jeferson Silva da Cruz  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marcela de Melo Cordeiro Eulálio  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/FALLA)

Aos meus pais, que, com tanto sacrifício, me deram aquilo que não tiveram. Eles sonharam que eu fosse além, que eu alcançasse aquilo que para eles foi banalizado. Aqueles que, por conta da desigualdade, da marginalização e das injustiças sociais, não tiveram as mesmas oportunidades que eu. Este trabalho é, antes de tudo, a afirmação de que nós podemos. A estes, dedico.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela vida, pela força e por me sustentar nos momentos difíceis ao longo da vida e da graduação, especialmente quando eu mesma duvidei de mim.

Agradeço à minha mãe, Dilza Ferreira de Araújo, a mulher que mais me inspira. Sua força, mesmo nos momentos mais difíceis, foi o que me sustentou até aqui. Quando tudo parecia desabar, era ela quem se mantinha de pé por todos nós, mesmo quando estava cansada. Essa conquista também é dela, porque sem ela, absolutamente nada disso teria sido possível.

Ao meu pai, Francisco das Chagas da Silva (Chagão), que infelizmente não está mais aqui para ver que todos os seus esforços deram certo. Essa etapa está chegando ao fim, e carrego comigo a certeza de que ele faria parte dessa conquista com orgulho.

Às professoras da minha família, mulheres que ousaram mudar o destino que nos era imposto. Em especial à minha tia, Deuzanira Ferreira dos Santos, que ingressou na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) com mais de 50 anos, já casada e mãe de três filhos. Sua coragem não apenas transformou sua própria história, mas abriu novos caminhos para todas nós. Desde então, nossa família não é feita apenas de agricultoras, lavadeiras e engomadeiras, mas também de educadoras.

À professora Andreia de Araújo Dantas, que enxergou potencial naquela menina de 11 anos, barulhenta e tímida, que amava conversar no fundo da sala, mas morria de medo de falar em público, minha eterna gratidão. Foi ela quem transformou aquela inquietação em potência, mostrando que até as características vistas como “problemas” podem ser caminhos. Ela me ensinou, com afeto e firmeza, o que é ser professora, e foi uma das grandes inspirações para que eu escolhesse seguir essa mesma estrada.

À professora Solange da Silva Elias, por apresentar o universo dos livros de uma forma viva, apaixonada e única. Ela me ensinou que o texto não é pretexto, é arte, é mundo, e foi uma das grandes responsáveis pela minha escolha pelo curso de Letras.

À minha orientadora, Clara Regina Rodrigues de Souza, pelo carinho, compreensão e humanidade durante as orientações, mas também pela confiança e pela oportunidade de participar do PROBEX e do PIBIC. Essas experiências foram essenciais para minha formação como educadora e pesquisadora.

Aos professores Marcela de Melo Cordeiro Eulálio e Jeferson Silva da Cruz, meu sincero reconhecimento pelas observações atentas e pelas contribuições generosas oferecidas a este trabalho. A presença de cada um neste momento foi indispensável para a construção desta pesquisa e para a consolidação da minha trajetória acadêmica.

Agradeço ainda a todos os professores do Campus IV da Universidade Estadual da Paraíba, por contribuírem com uma formação acadêmica que vai além do conteúdo, é uma formação pautada na ética, na humanidade e no compromisso com a educação. Sem vocês, essa jornada teria sido outra. De forma especial, agradeço ao professor Auríbio Farias Conceição, não apenas pelo apoio e pelas oportunidades, mas também por ter sentido na pele o peso dos apereios que eu causava. Sua paciência, generosidade e contribuições foram fundamentais nessa caminhada.

Ao Irmão Neto, membro da coordenação do curso, agradeço pela atenção, pela disponibilidade constante e pela maneira gentil e acolhedora com que sempre esteve pronto a ajudar. À Sandra, presença querida no cotidiano do curso, agradeço por sua dedicação, que tanto contribui para o bom funcionamento e para o acolhimento diário em nossa universidade.

Aos amigos e amigas que caminharam comigo, sem citar nomes, para não cometer injustiças, meu sincero e profundo agradecimento. Cada um contribuiu para que essa jornada fosse mais leve, divertida e possível, mesmo nos dias difíceis. A todos que, de alguma forma, fizeram parte desta trajetória, minha gratidão.

## RESUMO

O artigo científico, enquanto gênero discursivo do contexto acadêmico, constitui uma prática social institucionalizada, voltada à produção e circulação do conhecimento. Nesse discurso, é o autor quem diz, e esse dizer é sempre estratégico, situado e carregado de intencionalidade. Por meio de escolhas léxico-gramaticais, o autor projeta vozes, constrói autoridade e organiza o conhecimento dentro da comunidade científica. Nesse contexto, ancorado na Linguística Sistêmico-Funcional, especialmente no trabalho de Halliday e Matthiessen (2014) e nas contribuições de Fuzer e Cabral (2014), este estudo é norteado pelo questionamento central: quais padrões de uso, à luz da análise sistêmico-funcional, dos processos verbais podem ser identificados em artigos de Linguística, publicados em periódicos Qualis A1? Essa questão decorre de outros questionamentos: 1) Quais processos verbais predominam em artigos científicos de Linguística, publicados em revistas Qualis A1?; 2) Como os processos afirmar, dizer, mostrar, explicar e ressaltar são mobilizados nesses artigos?; 3) De que maneira as escolhas feitas pelos autores, no uso dos processos do dizer, contribuem para representar a mensagem nos artigos científicos?. O objetivo geral é: analisar o uso dos processos verbais em artigos científicos de Linguística, classificados como Qualis A1, a partir da perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional. Os objetivos específicos são: 1) Identificar os processos verbais predominantes em artigos de Linguística, de revistas Qualis A1; 2) Mapear o uso dos processos *afirmar*, *dizer*, *mostrar*, *explicar* e *ressaltar*, e *explicar* como são mobilizados nos artigos; 3) Discutir como as escolhas feitas pelos autores, no uso desses processos do dizer, contribuem para a representação da mensagem em artigos científicos. O caminho teórico é a metafunção ideacional, mais especificamente no Sistema de Transitividade, com foco nos processos verbais, enquanto mecanismos de representação do *dizer*. O *corpus* foi composto por seis artigos, publicados no primeiro semestre de 2024. A análise seguiu uma abordagem qualitativa, com apoio do *software* Atlas.ti. As categorias de análises Hallidayanas adotadas são três: o participante Dizente, a modalização e a organização da mensagem. Os resultados indicam que os processos *afirmar*, *dizer*, *mostrar*, *explicar* e *ressaltar* foram os mais frequentes, revelando padrões discursivos, associados à sustentação argumentativa, à gestão da responsabilidade discursiva e à constituição do discurso científico. A pesquisa contribui para a compreensão do funcionamento da linguagem no gênero artigo e oferece subsídios para o ensino da escrita acadêmica.

**Palavras-Chave:** Discurso científico; Linguística Sistêmico-Funcional; Sistema de Transitividade; processos verbais.

## ABSTRACT

The scientific article, as a discursive genre in the academic context, constitutes an institutionalized social practice, aimed at the production and circulation of knowledge. In this discourse, it is the author who speaks, and this speaking is always strategic, situated and charged with intentionality. Through lexical-grammatical choices, the author projects voices, builds authority and organizes knowledge within the scientific community. In this context, anchored in Systemic-Functional Linguistics, especially in the work of Halliday and Matthiessen (2014) and in the contributions of Fuzer and Cabral (2014), this study is guided by the central question: what patterns of use, in the light of the systemic-functional analysis, of verbal processes can be identified in Linguistics articles published in Qualis A1 journals? This question arises from other questions: 1) What verbal processes predominate in scientific Linguistics articles published in Qualis A1 journals?; 2) How are the processes of affirming, saying, showing, explaining and highlighting mobilized in these articles?; 3) How do the choices made by authors in the use of speech processes contribute to representing the message in scientific articles? The general objective is: to analyze the use of verbal processes in scientific articles on Linguistics, classified as Qualis A1, from the perspective of Systemic-Functional Linguistics. The specific objectives are: 1) To identify the predominant verbal processes in Linguistics articles from Qualis A1 journals; 2) To map the use of the processes affirm, say, show, explain and highlight, and explain how they are mobilized in the articles; 3) To discuss how the choices made by authors in the use of these speech processes contribute to the representation of the message in scientific articles. The theoretical path is the ideational metafunction, more specifically in the Transitivity System, focusing on verbal processes as mechanisms for representing speech. The corpus was composed of six articles, published in the first half of 2024. The analysis followed a qualitative approach, with the support of the Atlas.ti software. The three categories of Hallidayan analysis adopted are: the participant Saying, the modalization and the organization of the message. The results indicate that the processes affirming, saying, showing, explaining and highlighting were the most frequent, revealing discursive patterns, associated with argumentative support, the management of discursive responsibility and the constitution of scientific discourse. The research contributes to the understanding of the functioning of language in the article genre and offers subsidies for the teaching of academic writing.

**Keywords:** Scientific discourse; Systemic-Functional Linguistics; Transitivity System; verbal processes.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Linguagem como Sistema de Estratos .....	17
Figura 2 – Texto em contexto .....	19
Quadro 1 – Relação entre variáveis do contexto de situação e as metafunções da linguagem .....	21
Quadro 2 – Metafunções da linguagem aplicadas a uma fração .....	22
Quadro 3 – Tipos de processos verbais e seus realizadores no Sistema de Transitividade ....	25
Quadro 4 – Participantes do processo verbal em orações .....	26
Quadro 5 – Estrutura potencial do gênero artigo .....	28
Quadro 6 – Descrição dos artigos que compõem o corpus da pesquisa .....	35
Figura 3 – Esquema de categorias Hallidaynas para a análise dos processos verbais .....	37
Quadro 7 – Ocorrências com o processo afirmar .....	38
Quadro 8 - Ocorrências com o processo dizer .....	40
Quadro 9 – Ocorrências com o processo mostrar .....	42
Quadro 10 – Ocorrências com o processo explicar .....	44
Quadro 11 – Ocorrências com o processo ressaltar .....	45
Quadro 12 – Ocorrências de processos verbais nos artigos de corpus .....	47
Quadro 13 – Padrões de ocorrência de processos verbais no discurso acadêmico .....	49

## SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	12
2 RELAÇÕES ENTRE CONTEXTO, TEXTO E GRAMÁTICA .....	16
2.1 Metafunções da linguagem .....	21
2.1.1 Sistema de Transitividade.....	23
2.1.2 Processos verbais .....	25
2.2 O gênero artigo científico para a LSF .....	27
3 UMA METODOLOGIA DE LINGUÍSTICA APLICADA .....	34
4 O DIZER NO ARTIGO CIENTÍFICO .....	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS .....	52

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A universidade, enquanto instituição social, é responsável, entre suas principais funções, não apenas pela formação de profissionais qualificados, mas também pela produção e disseminação da pesquisa científica. No entanto, esse processo de formação encontra entraves que, muitas vezes, têm origem na própria base educacional dos estudantes. A educação básica brasileira, marcada por falhas estruturais e metodológicas, nem sempre oferece um contato significativo com os gêneros textuais próprios do meio acadêmico, o que compromete o desenvolvimento das competências necessárias à produção científica.

Pesquisadoras como Koch e Elias (2006) e Antunes (2003) já apontaram que a escola, em muitos casos, não trata o texto como um objeto social, ou seja, como uma prática comunicativa concreta e situada. Ao contrário, o texto costuma ser abordado de maneira descontextualizada, como se fosse um elemento técnico e isolado da realidade. Soma-se a isso o fato de que, mesmo com documentos oficiais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que orientam o ensino por meio de gêneros textuais e situações reais de uso da linguagem, muitas escolas ainda enfrentam dificuldades em aplicar essas diretrizes de forma efetiva. Tal cenário contribui para uma entrada fragilizada dos estudantes no espaço universitário, especialmente no que diz respeito ao discurso acadêmico.

No entanto, é justamente no espaço acadêmico que o domínio do discurso científico se revela indispensável, e é por meio da linguagem que esse discurso se constrói. No gênero artigo científico, por exemplo, uma ação discursiva se destaca: o dizer. O ato de dizer, nesse contexto, não se limita à simples transmissão de informações, mas envolve o posicionamento do autor frente a outras vozes, teorias e dados, funcionando como uma estratégia retórica na construção da argumentação e da credibilidade científica. Esse dizer é cuidadosamente estruturado para indicar concordância, estabelecer contrastes ou marcar distanciamentos críticos em relação a outros trabalhos. Assim, o processo do dizer torna-se essencial para compreender como os autores se inserem nas práticas discursivas da ciência e constroem legitimidade dentro da comunidade acadêmica.

Nesse cenário, insere-se o presente estudo, vinculado ao campo da Linguística Aplicada, área que busca compreender e intervir em práticas sociais mediadas pela linguagem, considerando seus contextos históricos, culturais e ideológicos. Nesse contexto, adota-se como caminho teórico a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), concebida por Halliday, que entende a linguagem em uso, considerando suas funções sociais e os sistemas

que a organizam. No Brasil, a LSF começou a se consolidar a partir do projeto *Systemics Across Languages*, com a coordenação inicial da professora Leila Barbara, que contribuiu significativamente para a difusão e o aprofundamento dessa abordagem no contexto acadêmico nacional. Desde 2017, o projeto inicial configura-se como o grupo de pesquisa do CNPq: *Sistêmica, Ambientes e Linguagens (SAL)*<sup>1</sup>, liderado pela professora Sara Regina Scotta Cabral – da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – e pelo professor Orlando Vian Junior – da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

Conforme Halliday e Matthiessen (2014), o caráter funcional da linguagem é analisado por meio de sistemas que representam diferentes aspectos da complexidade e densidade da linguagem. Dentre esses sistemas, como o de representação, de modo e de mensagem, este trabalho se concentra especificamente no Sistema de Transitividade<sup>2</sup>, o qual possibilita evidenciar a complexidade dos itens lexicais que compõem o discurso. Nesse sistema, os significados experienciados são representados linguisticamente, por meio de processos: materiais, mentais, relacionais, verbais, existenciais e comportamentais.

Dentre esses processos, os verbais se destacam em textos acadêmicos, por sua função de representar o dizer. Evidenciam o posicionamento do autor em relação às vozes mobilizadas no texto, podendo ser expressos de forma direta, indireta ou modalizada. Nesse sentido, esta pesquisa busca responder ao seguinte questionamento central: quais padrões de uso, à luz da análise sistêmico-funcional, dos processos verbais podem ser identificados em artigos de Linguística, publicados em periódicos Qualis A1?

Essa questão central decorre de outros questionamentos, levantados neste estudo:

- Quais processos verbais predominam em artigos científicos de Linguística, publicados em revistas Qualis A1?
- Como os processos afirmar, dizer, mostrar, explicar e ressaltar são mobilizados nesses artigos?
- De que maneira as escolhas feitas pelos autores, no uso dos processos do dizer, contribuem para representar a mensagem nos artigos científicos?

---

<sup>1</sup> Conforme disponível do site do Grupo Sal: “O objetivo principal dos trabalhos acadêmicos vinculados a este grupo de pesquisa é entender o papel das linguagens em ambientes semióticos variados, sempre com um olhar atento ao sistema potencializador das escolhas presentes nos textos. Além de descrição gramatical, outros temas interessam ao projeto: o discurso da academia, do trabalho, das relações interpessoais, das instituições midiáticas, educacionais, jurídicas e políticas, das várias áreas de conhecimento, como agricultura, pecuária, economia, biologia, geografia, química e matemática e da literatura.” Disponível em: <http://www.ufsm.br/grupos/sal> e em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/296525>. Acesso em: 19 de maio de 2025.

<sup>2</sup> Por convenção teórica, o termo *Sistema de Transitividade* é grafado com letras iniciais maiúsculas (Halliday; Matthiessen, 2014), da maneira como utilizado nesta monografia.

Para responder a essas questões, foram traçados objetivos que nortearam a presente investigação. O objetivo geral consiste em analisar o uso dos processos verbais em artigos científicos de Linguística, classificados como Qualis A1, a partir da perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional. Para isso, definem-se os seguintes objetivos específicos: 1) Identificar os processos verbais predominantes em artigos de Linguística, de revistas Qualis A1; 2) Mapear o uso dos processos *afirmar, dizer, mostrar, explicar e ressaltar*, e explicar como são mobilizados nos artigos; 3) Discutir como as escolhas feitas pelos autores, no uso desses processos do dizer, contribuem para a representação da mensagem em artigos científicos.

A análise do discurso científico tem sido objeto de investigação da LSF em diferentes estudos (a exemplo de: Bernardinho, 2012, 2015; Fuzer, 2012; Fuzer; Barbara, 2014; Mendes, 2018; Melo; Espindola, 2014; Melo; Gonçalves, 2014; Motta-Roth, 2006; Ninin, 2012; 2014; 2015; Ninin; Barbara, 2013; Ninin; Joseph; Maciel, 2015; Vian Jr; Mendes, 2015; Morais, 2023; Santos, Carvalho, 2019; Souza; Mendes, 2012).<sup>3</sup> A presente investigação, no entanto, distingue-se desses estudos, ao concentrar-se exclusivamente na análise dos processos verbais em artigos da área de Linguística, classificados como Qualis A1 na última avaliação da CAPES (2020).

A escolha do gênero artigo científico se justifica pela sua função discursiva na esfera acadêmica. Trata-se de um gênero marcado por uma interação específica entre escritor e leitor, cujas escolhas linguísticas são condicionadas pelo contexto institucional e pelas finalidades comunicativas que o orientam. Nesse sentido, a análise dos processos verbais empregados nesses textos pode revelar os padrões de uso que evidenciam especificidades desse gênero no que tange a 1) defesa de pontos de vista, 2) discussão do conteúdo e 3) complexidade da escrita. Além disso, o estudo dos processos verbais nesse gênero pode fornecer subsídios para o ensino de escrita acadêmica, auxiliando estudantes e pesquisadores a aprimorarem suas produções textuais.

Este estudo se desenvolve no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), cujo objetivo é incentivar a pesquisa na graduação e promover a formação de novos pesquisadores. A participação no PIBIC possibilita o contato com a pesquisa acadêmica, permitindo que graduando consolide o

---

<sup>3</sup> Essas informações estão divulgadas no projeto de pesquisa vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), intitulado *Uma análise sistêmico-funcional das relações entrecruzadas entre gramática, texto e discurso em artigos científicos Qualis A1 de Linguística*, conforme edital 2024-2025, executado na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), sob coordenação da professora Clara Regina Rodrigues de Souza. Parte dessas informações também integra a pesquisa de doutorado concluída pela referida professora.

pensamento crítico e a autonomia na pesquisa. A experiência adquirida no programa contribuiu significativamente para a construção deste trabalho, uma vez que proporcionou acesso a debates teóricos e práticos sobre a linguagem acadêmica e as particularidades léxico-gramaticais do discurso científico.

Este trabalho está organizado em três capítulos principais. No primeiro deles, nos dedicamos a explorar as relações entre texto, contexto e gramática, de acordo com os pressupostos da LSF. A seguir, abordamos as metafunções da linguagem, com foco na metafunção ideacional, que sustenta a nossa análise, e em particular, o Sistema de Transitividade. O tópico subsequente é dedicado à discussão dos processos verbais, e como eles se inserem na construção do discurso acadêmico. Nesse ínterim, o referencial teórico culmina na discussão sobre o gênero artigo científico, que serve como base para a nossa pesquisa.

Na sequência, apresentamos o capítulo teórico-metodológico, detalhando os critérios de seleção dos artigos e a abordagem utilizada para analisar os dados. Por fim, o capítulo de análise e discussão reúne os resultados da pesquisa, em que identificamos padrões de uso dos processos verbais e discutimos suas implicações na construção de significados dentro do gênero acadêmico supracitado.

## 2 RELAÇÕES ENTRE CONTEXTO, TEXTO E GRAMÁTICA

A compreensão da linguagem como prática social implica reconhecer que os significados não são construídos de forma isolada, mas estão sempre atrelados aos contextos em que os textos são produzidos e interpretados. Dentro da perspectiva da LSF, a noção de contexto ocupa um papel central, pois é a partir dele que os falantes fazem escolhas linguísticas que melhor atendem aos propósitos comunicativos em situações específicas. Para compreender como essa concepção se realiza na prática, pensemos inicialmente, na seguinte situação:

Texto 1

Em uma sala de aula, um aluno diz a seguinte frase: “Está quente aqui!”

Fonte: Elaboração própria (2025).

Nessa situação, o falante pode estar fazendo uma constatação sobre o clima ou um pedido indireto para abrir uma janela, ligar o ar-condicionado ou algum ventilador. A maneira como essa informação será interpretada dependerá de alguns fatores: quem está falando, porque (propósito) e para quem está falando. Assim, antes de adentrar nos mecanismos internos da linguagem, é necessário considerar o papel que o contexto exerce na configuração dos textos, orientando sua estrutura, seus significados e sua função social.

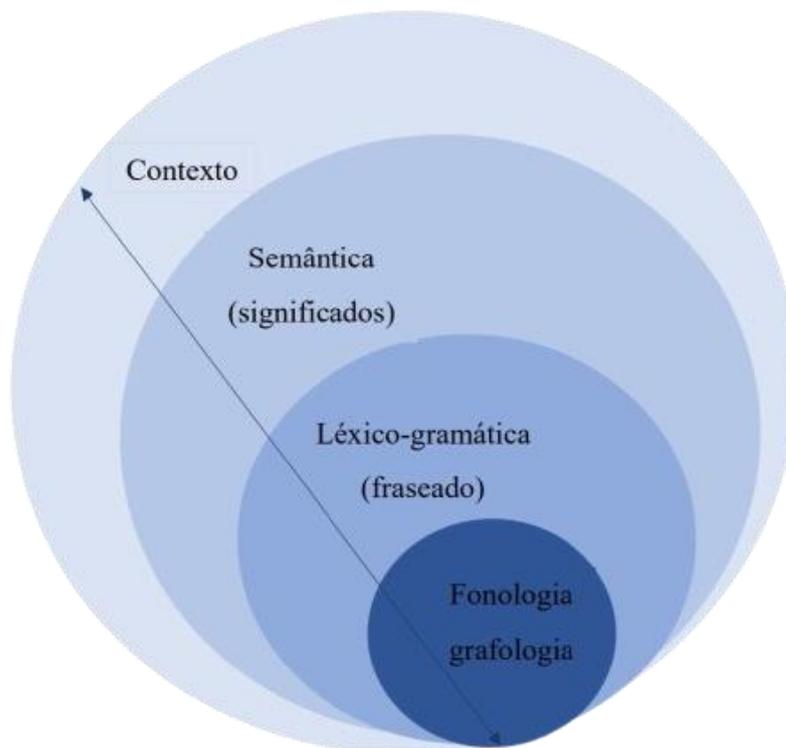
Na Linguística Sistêmico-Funcional, a linguagem é vista como um sistema<sup>4</sup> semiótico, organizado em estratos<sup>5</sup>, conforme ilustrado na Figura 1. Esse sistema é utilizado para fazer e trocar significados em contextos sociais, sendo, portanto, “um modo de agir, de dar e solicitar bens e serviços e informações” (Fuzer; Cabral, 2014, p. 21). Entender o contexto de produção e de consumo é fundamental para compreender o propósito comunicativo, pois os textos são produzidos com base em circunstâncias sociais e culturais, as quais determinam os elementos linguísticos que o constituem. Nesse contexto, torna-se necessário, a princípio, refletir sobre o que é o texto e qual a sua função. Para isso, Fuzer e Cabral (2014, p. 22) destacam que “em essência, o texto é uma entidade semântica, isto é, um construto de significados, e, ao mesmo tempo, uma troca social de significados”.

---

<sup>4</sup> Segundo Fuzer e Cabral (2014), sistema é o ordenamento paradigmático da linguagem, ou seja, ele é uma série de unidades com traços em comum e que podem se substituir mutuamente.

<sup>5</sup> Os estratos são a organização hierárquica e inter-relacionada da linguagem, em diferentes níveis de significado.

Figura 1 – Linguagem como Sistema de Estratos



Fonte: Halliday e Matthiessen (2004, p. 25) por Fuzer e Cabral (2014, p. 22).

Nesse sentido, para as autoras, o texto é a materialização da linguagem, seja na forma escrita, falada ou não verbal, por meio de uma ou mais frases. Desse modo, ele nos permite fazer inferências, narrar, expor, descrever, instruir ou defender um ponto de vista, como fizeram os autores dos textos 1 e 2, ao se posicionarem, em entrevista, sobre a Proposta de Emenda à Constituição (PEC), que visa à redução da jornada de trabalho dos profissionais contratados sob o regime da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

## Texto 2

“Os empresários não terão como pagar extra para outro funcionário ir no comércio sábado. Os salários vão cair e o desemprego vai crescer.”

Fonte: Carla Zambelli, deputada (PL - SP)  
(Site UOL, 13/11/2024<sup>6</sup>)

<sup>6</sup>Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2024/11/13/deputado-petista-sobre-escala-6x1-se-o-debate-for-ideologico-ja-perdemos.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso: 8 jan. 2025.

### Texto 3

“O setor do varejo é um dos setores que sustenta o Brasil e na pandemia foi provado isso. Não paramos o posto de gasolina, a farmácia, o mercadinho...por que essas pessoas não merecem uma escala justa de trabalho? [...] Não é que a gente não quer trabalhar, a gente só quer ter uma vida além do trabalho, e a geração passada foi ensinada a anular a sua vida para uma escala escravagista, que tira a dignidade do trabalhador brasileiro.”

Fonte: Rick Azevedo, ex-balconista de farmácia e criador do movimento popular *Vida Além do Trabalho* (VAT).  
(Site Exame, 11/11/2024<sup>7</sup>)

As diferenças nos propósitos comunicativos dos falantes influenciam diretamente nas escolhas léxico-gramaticais e na organização textual. Nesse sentido, o lugar social ocupado por cada falante é um fator determinante nessa seleção, pois seus interesses também variam conforme o contexto que estão inseridos. Isso se evidencia nos textos 1 e 2, em que os falantes se dirigem a públicos distintos, representando e defendendo grupos diferentes.

Além de estarem relacionados a quem produz e quem consome, o propósito comunicativo também é definido pelo seu contexto de circulação, que é o meio social em que o texto é veiculado. Esses fatores influenciam não apenas o que é dito, mas também como é dito, uma vez que a linguagem se adequa às expectativas e necessidades do público-alvo. Assim, textos produzidos em contextos diferentes apresentam variações significativas na estrutura e na seleção de palavras, refletindo as intenções do autor para atender às demandas de um ambiente comunicativo específico.

Por isso, é necessário compreender que “um texto é produto do seu entorno e funciona nele; possui uma estrutura interna, coesão interna” (Fuzer; Cabral, 2014, p. 24). O texto está, portanto, intimamente ligado ao contexto em que é produzido e ao propósito social que visa atender. Para explicar essa relação, Halliday e Matthiessen (2014) apresentam dois conceitos importantes: *registro* e *gênero*. O registro diz respeito às variáveis situacionais (contexto de situação) enquanto o gênero está relacionado à função que cada texto (escrito ou falado) exerce na sociedade (contexto de cultura).

Esses conceitos são basilares para entender a linguagem como sistema semiótico, constituindo planos comunicativos<sup>8</sup> nos quais ela se realiza. Dentro desses planos, a

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://exame.com/carreira/escala-6x1-movimento-vat-vida-alem-do-trabalho/> Acesso em: 8 jan. 2025.

linguagem é constituída no contínuo entre os discursos, os fatores extralinguísticos e o linguístico, em diferentes estratos, como fonologia e grafologia, léxico-gramática, semântica e pragmática. Sob essa perspectiva, Halliday e Matthiessen (2014) reforçam que o texto está inserido em dois níveis de contexto: *situação* e *cultura*. Estes integram sua forma e função na medida em que orientam as escolhas linguísticas feitas pelos falantes ou escritores em uma interação, como é representado na Figura 2.

Figura 2 – Texto em contexto



Fonte: Fuzer e Cabral (2014, p. 26)

O contexto de situação refere-se às variáveis imediatas de um contexto particular do sistema semântico da língua. Já o contexto de cultura diz respeito ao contexto mais amplo desse sistema, o qual está relacionado as práticas sociais e valores compartilhados em uma comunidade (Halliday; Matthiessen, 2014). Nesse sentido, o texto sofre influência do ambiente imediato em que a comunicação ocorre, como também das práticas institucionalizadas (normas, crenças, costumes e valores) dos grupos étnicos e sociais (família, escola, igreja, justiça etc) (Fuzer; Cabral, 2014). Esses aspectos formam e dão significado às interações linguísticas em uma determinada comunidade. Para entender como funciona essas noções, observemos o seguinte diálogo:

#### Texto 4

Falante 1: — Ei, vocês viram que a bolsa da esposa de Zezé di Camargo estourou durante a ceia de Natal?

<sup>8</sup> Os planos comunicativos dizem respeito aos diferentes níveis de organização da linguagem em um texto. Em análises desta, os planos evidenciam como a estrutura do texto influencia nas escolhas linguísticas.

Falante 2: — Nossa! O que colocaram dentro dela?
--

Fonte: Elaboração própria (2025).

No exemplo acima, observa-se uma ambiguidade gerada pelo termo “bolsa”. Dependendo do contexto cultural, especialmente entre falantes familiarizados com a mídia e com o universo da maternidade, a expressão “a bolsa estourou” é comumente associada ao rompimento do saco amniótico, indicando o início do trabalho de parto. Nesse sentido, a informação veiculada indica que a esposa do cantor Zezé di Camargo teria entrado em trabalho de parto durante a ceia de Natal. Esse entendimento depende de um conhecimento prévio específico que pode não ser compartilhado por todos os interlocutores.

Contudo, quando essa expressão é interpretada fora desse campo semântico específico, pode gerar leituras equivocadas. A reação do Falante 2, “O que colocaram dentro dela?”, revela uma interpretação literal, vinculada à compreensão de “bolsa” como acessório feminino. Para esse falante, o “estouro” da bolsa estaria relacionado a um excesso de objetos em seu interior ou até mesmo a presença de um explosivo, desconsiderando o possível sentido figurado ou técnico do termo no contexto médico<sup>9</sup>.

Essa divergência interpretativa evidencia a importância da experiência sociocultural dos interlocutores e reforça o princípio de que os significados não estão nas palavras de forma isolada, mas são construídos a partir do contexto situacional e cultural em que o texto circula. Segundo Halliday e Matthiessen (2014), o registro é configurado pelas variáveis de campo (o que está acontecendo), relação (quem e como participa da interação) e pelo modo (como a comunicação se dá).

Essas variáveis orientam o sistema de escolhas semânticas disponíveis aos falantes. No texto 3, por exemplo, campo da interação é uma conversa informal sobre um evento relacionado à mídia, com a função de compartilhar e comentar uma informação trivial. A relação é estabelecida de maneira informal entre os falantes, que se comunicam de forma igualitária e descontraída, com uma distância social mínima. Já o modo é oral, com uma comunicação dialógica e fônica. Através de determinadas estruturas léxico-gramaticais, é possível identificar essas variáveis. Nesse sentido, é importante compreender a multifuncionalidade dos elementos linguísticos da oração para realizar a análise. No próximo tópico, entenderemos como essas funções são organizadas.

---

<sup>9</sup> Os exemplos utilizados ao longo do texto, extraídos de gêneros como a notícia e o diálogo cotidiano, não integram o corpus de análise. Eles foram pensados e selecionados para tentar favorecer a compreensão teórica de conceitos básicos da LSF, especialmente por apresentarem situações comunicativas cotidianas. Além disso, esses exemplos dialogam com os princípios expostos em Fuzer e Cabral (2014), cuja abordagem teórico-metodológica orienta esta monografia.

## 2.1 Metafunções da linguagem

Na perspectiva da LSF, a linguagem é compreendida como um recurso social que desempenha funções, as quais Halliday e Matthiessen (2014) denominam de metafunções. Elas se organizam em três, de maneira inter-relacionada: ideacional, interpessoal e textual. Essas metafunções operam de forma integrada na construção de significados, durante as interações linguísticas. Elas são diretamente influenciadas pelas variáveis do contexto de situação (campo, relações e modo), como sintetizado no quadro abaixo.

Quadro 1 – Relação entre variáveis do contexto de situação e as metafunções da linguagem

Variáveis do contexto de situação	Metafunções da linguagem
Campo	Ideacional
Relações	Interpessoal
Modo	Textual

Fonte: Fuzer e Cabral (2014).

Segundo Fuzer e Cabral (2014, p. 32), as metafunções “são manifestações, no sistema linguístico, dos propósitos que estão subjacentes a todos os usos da língua: compreender o meio (ideacional), relacionar-se com outros (interpessoal) e organizar a informação (textual)”. Para as autoras, cada metafunção contribui para entender a oração a partir da sua plurifuncionalidade: o que ela expressa sobre o mundo, como estrutura a interação entre falante e ouvinte e como organiza as informações dentro do texto.

Nesse sentido, a análise dos elementos que compõem a oração ocorre de maneira distinta por cada metafunção. A metafunção ideacional é realizada por duas funções: a experiencial, qual seja, a construção de modelo de representação de mundo, através do *Sistema de Transitividade* (ver no tópico 2.1.1), e a lógica, a qual é responsável pelas combinações de grupos lexicais e oracionais.

A metafunção interpessoal analisa a interação entre os participantes por meio do sistema MODO<sup>10</sup>. Nesse sistema, analisam-se os papéis desempenhados por cada elemento da oração, como Sujeito, Finito, Predicador, Complemento e Adjuntos. Esses elementos revelam informações relativas ao tempo (presente, passado e futuro), à modalidade (probabilidade, usualidade, obrigação, inclinação) e à polaridade (positiva ou negativa) na interação verbal.

<sup>10</sup> Por convenção teórica, todas as letras de MODO estão grafadas em maiúsculo (Halliday; Matthiessen, 2014).

Por fim, a metafunção textual concebe a oração como uma mensagem e a analisa por meio da sua estrutura temática, a qual é composta pelo Tema acompanhado por um Rema<sup>11</sup>. Tema refere-se ao ponto de partida da mensagem, ou seja, aquilo que guia a oração dentro do seu contexto e o Rema é a parte em que o Tema se desenvolve.

Essa capacidade de interpretação multifuncional dos elementos que compõem a oração está ligada ao fato de que a linguagem realiza simultaneamente diferentes funções em qualquer enunciado (Halliday; Matthiessen, 2014). Ou seja, quando produzimos um enunciado, ele não tem apenas uma, mas atende a múltiplas funções ao mesmo tempo. Desse modo, um mesmo elemento pode ser analisado por três enfoques (ideacional, interpessoal e textual), de maneira sistematicamente relacionada, conforme representado no Quadro 2.

Quadro 2 –Metafunções da linguagem aplicadas a uma oração

Metafunções	A Jornalista	relata	descaso ao procurar Deam para denunciar noivo	horas antes de ser morta
Experiencial (transitividade)	Participante	Processo	Participante	Circunstância
Interpessoal (MODO)	Sujeito	Finito e predicador	Resíduo	
Textual (estrutura temática)	Tema	Rema		

Fonte: Adaptado de Fuzer e Cabral (2014, adaptado). Site em que a oração foi retirada: <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2025/02/15/jornalista-relata-descaso-ao-procurar-deam-para-denunciar-o-ex-noivo-horas-antes-de-ser-morta-ouca-audio.ghtml> Acesso em: 18 maio 2025.

Por ser uma unidade gramatical complexa, a oração ocupa um lugar central nas análises da LSF. Essa complexidade decorre do fato de que ela se organiza a partir de diferentes camadas linguísticas: reúne grupos (um verbal e ao menos um nominal), que, por sua vez, são compostos por palavras, as quais são formadas por morfemas (Fuzer; Cabral, 2014). Assim, a oração constitui o espaço em que os principais sistemas da língua operam de forma integrada. Quando duas ou mais orações se articulam, forma-se o chamado complexo oracional (Halliday; Matthiessen, 2014), isto é, a estrutura que amplia ainda mais o potencial de significação do enunciado.

<sup>11</sup> Por convenção teórica, os elementos das metafunções são grafados com letras iniciais maiúsculas, a exemplo de Tema e Rema (Halliday; Matthiessen, 2014).

Mais do que uma estrutura sintática, a oração é concebida na LSF como uma unidade de sentido, capaz de expressar representações do mundo, relações interpessoais e a organização da informação em forma de mensagem. Entre os sistemas gramaticais que compõem essa estrutura, destaca-se o da transitividade, responsável por representar experiências por meio da articulação entre participantes, processos e circunstâncias. A partir dele, torna-se possível analisar como construímos, por meio da linguagem, as nossas experiências do mundo dentro do texto.

Compreender as metafunções nos ajuda a perceber que toda oração carrega em si uma complexa rede de significados: ela diz algo sobre o mundo, estabelece uma relação com o interlocutor e organiza a informação em um fluxo coerente. Justamente a partir dessa perspectiva multifuncional, torna-se possível aprofundar o olhar sobre os recursos linguísticos que estruturam o texto. Neste trabalho, esse olhar se volta para a *metafunção ideacional*, especialmente para o *Sistema de Transitividade*, eixo central da análise que se segue.

### 2.1.1 Sistema de Transitividade

Dando continuidade à discussão sobre a relação entre linguagem e contexto dos tópicos anteriores, aprofundamos agora o foco na *metafunção ideacional*, a qual é responsável por representar as experiências e os eventos do mundo na linguagem. Nesse contexto, Halliday e Matthiessen (2014) desenvolvem o *Sistema de Transitividade*, como um modelo para descrever como essas experiências são estruturadas na gramática, por meio de *processos*, *participantes* e *circunstâncias*.

Diferentemente da gramática tradicional, que trata a transitividade apenas como uma relação sintática entre o verbo e seus complementos, a LSF a concebe como um sistema semântico, que mapeia o "quem faz o quê; onde, quando, como e por que" (Fuzer; Cabral, 2014, p. 41), em relação ao mundo material e interior. No plano semântico, essas relações formam *figuras*, ou seja, pequenas cenas compostas por um processo e, obrigatoriamente, pelo menos um participante, podendo ser acompanhadas de circunstâncias opcionais (como tempo, lugar, modo, causa etc.).

Essas figuras variam conforme o tipo de processo que organiza a oração: processos de fazer e acontecer (materiais), de sentir (mentais), de dizer (verbais), de ser e ter (relacionais), de existir (existenciais) e de comportar-se (comportamentais) (Fuzer; Cabral, 2014). Esses processos representam os dois grandes campos da experiência: a *experiência externa*, ligada a

ações e eventos observáveis, e a *experiência interna*, referente a percepções, emoções e reflexões. Por exemplo:

- a. Ela *abriu* a porta rapidamente. (Material)
- b. Ela *abriu* a mente para novas ideias. (Mental)
- c. O advogado *representa* seu cliente no tribunal. (Verbal)
- d. Essa pintura *representa* a cultura popular brasileira. (Relacional)

Fonte: elaboração própria, com base em Fuzer e Cabral (2014)

Os exemplos acima ilustram um ponto crucial da teoria: os processos não formam categorias hierárquicas e isoladas, mas constituem um sistema contínuo, em que a transição entre um tipo e outro pode ocorrer de maneira gradual, dependendo do contexto e das escolhas lexicais. Assim, o mesmo verbo pode realizar diferentes processos, como em (a), o processo *abriu* expressa uma ação física realizada pela participante *Ela*, direcionada ao participante *porta*, constituindo uma figura do tipo *fazer*. Em (b), o mesmo verbo passa a indicar uma mudança de percepção do Experienciador<sup>12</sup> *Ela*, associada ao Fenômeno *mente* e à circunstância *novas ideias*, caracterizando um processo mental.

De maneira semelhante, em (c) e (d) observa-se a alternância de significados do verbo *representa*. No exemplo (c), ele indica uma atividade de fala, atribuída ao participante *advogado*, configurando um processo verbal. Já em (d), estabelece uma relação de identificação entre *essa pintura* e *cultura popular brasileira*, caracterizando um processo relacional.

Nessa perspectiva, os *processos materiais* expressam ações e eventos do mundo físico (experiência externa), enquanto os *processos mentais* representam percepções, emoções e pensamentos da experiência interna. Já os *processos relacionais* estabelecem relações de identificação e caracterização, e os *verbais* dizem respeito às atividades linguísticas dos participantes. Além desses, os *processos comportamentais* indicam manifestações fisiológicas e psicológicas do ser humano, e os *existenciais* apontam para a existência de um participante (Halliday; Matthiessen, 2014).

Como se observa, a categorização processual afeta tanto a interpretação dos verbos (que funcionam na oração como processos) quanto a designação dos participantes e das circunstâncias. No plano gramatical, essas escolhas se manifestam comumente na forma de verbos (processos), grupos nominais (participantes) e grupos adverbiais ou preposicionais

---

<sup>12</sup> Por convenção teórica, os elementos participantes de um processo são grafados com letras iniciais maiúsculas (Halliday; Matthiessen, 2014).

(circunstâncias). No tópico seguinte, aprofundaremos como essas estruturas se manifestam especificamente nos processos verbais, os quais são responsáveis por representar as atividades de fala e pensamento na linguagem.

### 2.1.2 Processos verbais

Entre os processos mentais e relacionais, situa-se a categoria dos processos verbais. Nessa categoria, são representadas “as relações simbólicas construídas na consciência humana e encenadas na forma da linguagem” (Halliday; Matthiessen, 2014, p. 215). São representações linguísticas, cujo núcleo é o *dizer*. Segundo os autores, o dizer, neste caso, deve ser interpretado em seu sentido mais amplo, englobando qualquer tipo de significado simbólico, que pode ser desde um pedido para que alguém feche a porta até um aviso das horas pelo relógio.

Na LSF, existem dois tipos principais de processos verbais: atividade e semiose. Estes se subdividem em cinco subtipos. Os processos de atividade distribuem-se em alvo, fala e neutro, enquanto os processos de semiose dividem-se em indicação e comando. Em cada subtipo, há verbos que o realizam, como mostra o quadro baixo.

Quadro 3 –Tipos de processos verbais e seus realizadores no Sistema de Transitividade

Tipos	Exemplos	
Atividade	Alvo	acusar, caluniar, criticar, culpar, difamar, denunciar, elogiar, injuriar, insultar, lisonjear, repreender, xingar
	Fala	conversar, falar
	Neutro	contar, dizer
Semiose	Indicação	anunciar, contar (algo a alguém), convencer (alguém de algo), explicar, informar, provar, relatar, persuadir (alguém de algo), prometer (algo a alguém)
		perguntar (a alguém se), interrogar, indagar(-se)
	Comando	ameaçar (alguém de algo), convencer (alguém a pensar ou fazer algo), dizer (para alguém fazer algo), exigir, implorar, mandar, pedir (para alguém fazer algo), ordenar, persuadir (alguém a fazer algo), prometer (algo a alguém), rogar, solicitar, suplicar

Fonte: Halliday e Matthiessen (2004, p. 255) por Fuzer e Cabral (2014, p.72).

Os processos verbais ainda dispõem de quatro participantes: Dizente, Verbiagem, Receptor e Alvo. O *Dizente* é aquele que enuncia a fala, este pode ser um humano ou uma fonte simbólica<sup>13</sup>. A *Verbiagem* refere-se ao conteúdo da mensagem verbalizada, ou seja, aquilo dito pelo dizente, sendo geralmente representada por uma oração ou grupo nominal. O *Receptor* é o destinatário da mensagem; enquanto o *Alvo* corresponde à entidade afetada ou envolvida pelo processo do dizer<sup>14</sup>.

Vejamos, por exemplo, a distribuição dos participantes Dizente, Receptor e Verbiagem, na sentença a seguir.

Quadro 4 – Participantes do processo verbal em oração

A professora	Explicou	aos alunos	a importância da leitura.
Dizente	Processo verbal	Receptor	Verbiagem

Fonte: Elaboração própria.

Nesse caso, o processo verbal *explicar* se relaciona a três participantes: *a professora* (Dizente), *os alunos* (Receptor) e *a importância da leitura* (Verbiagem). No discurso acadêmico, essas relações tendem a assumir configurações mais complexas, com o discurso reportado. Essas particularidades estão diretamente ligadas às funções que os processos verbais cumprem na escrita científica. Segundo Halliday e Matthiessen (2014, p. 303), esses processos possibilitam “citar e relatar vários estudiosos, ao mesmo tempo em que indicam a posição do escritor com verbos como *apontar, sugerir, reivindicar, afirmar*”. Em outras palavras, além de indicar a autoria do discurso alheio, os processos verbais também podem expressar o posicionamento avaliativo do autor frente àquilo que é relatado ou citado.

Essa dimensão está diretamente relacionada à modalização, categoria da metafunção interpessoal, discutida anteriormente, que envolve os graus de certeza, possibilidade ou julgamento manifestado na linguagem. Como afirmam Souza e Mendes (2010), a modalização pode ocorrer por meio de graus de probabilidade (pode, deve, provavelmente) ou de usualidade (geralmente, costuma-se), ao passo que a modulação se refere à expressão de

<sup>13</sup> O *Dizente simbólico* refere-se a uma entidade não humana, que ocupa a posição de sujeito na oração, e funciona como recurso de projeção do discurso. Embora não seja um agente humano, esse Dizente pode representar uma voz institucionalizada ou conceitual (Halliday; Matthiessen, 2014).

<sup>14</sup> Verbos que admitem um Alvo tendem a funcionar de modo distinto daqueles que projetam discurso reportado (Halliday; Matthiessen, 2014).

obrigação (deve-se, é necessário) ou de inclinação (prefere-se, quer-se). No discurso acadêmico, é frequente observarmos o uso de verbos modais como *poder*<sup>15</sup>.

A Citação e o Relato são, justamente, as duas formas principais de projeção de discurso utilizadas nesses contextos. A Citação consiste em uma oração projetada, que transcreve a fala de alguém de maneira direta, com preservação da forma original. Já o Relato permite reproduzir o conteúdo do dizer, de forma mais subjetiva, sem a necessidade de manter as mesmas palavras ou a estrutura do texto citado. Essas estratégias são mobilizadas de forma consciente, para construir a argumentação, validar proposições ou mesmo contestar saberes estabelecidos, reforçando o papel estratégico da linguagem na construção do discurso acadêmico. Acerca desse discurso, segue o próximo tópico.

## 2.2 O gênero artigo científico para a LSF

No tópico 2.0, vimos que o conceito de gênero está intrinsecamente relacionado ao contexto de uso da linguagem e às funções sociais que os textos desempenham na sua esfera de circulação. Nesse sentido, a LSF compreende os gêneros como práticas sociocomunicativas, resultantes de propósitos sociais específicos e recorrentes em uma dada cultura. Para Martin e Rose (2008), os gêneros são recursos semióticos fundamentais para a construção de significados em nível contextual, realizando-se em uma sequência de estágios funcionais que visam alcançar um objetivo social.

A LSF estabelece que o texto é simultaneamente produto e processo: produto, em função de sua materialidade linguística observável; e processo, por representar eventos interativos nos quais os sentidos são construídos entre os participantes da comunicação (Espindola; Silva, 2013). Essa concepção está associada à escala de instanciação, na qual cada texto representa uma instância de realização do sistema potencial da língua, permitindo observar como padrões de linguagem são realizados em instâncias textuais concretas e abstratas, e como essas instâncias refletem o sistema linguístico mais amplo da língua.

Uma das contribuições fundamentais da LSF para os estudos dos gêneros é a noção de *estrutura potencial do gênero (EPG)* (Espindola; Silva, 2013), termo que sugere à organização prototípica dos estágios constituintes de um dado gênero textual. Esses estágios

---

<sup>15</sup> Cabe destacar que ao analisarem o discurso acadêmico, Sousa e Mendes (2010) destacam que formas como o verbo *poder* funcionam como meio de apreciação por parte do autor.

representam partes funcionais do texto, cada uma contribuindo para a construção do propósito comunicativo geral (Martin e Rose, 2008). Vale ressaltar que a EPG não é imutável, mas funciona como um “modelo” flexível que se adapta à área do saber em que o gênero foi produzido, oferecendo uma base para compreender o funcionamento dos textos em contextos de comunicação específicos.

No caso do artigo científico, trata-se de um gênero pertencente ao meio acadêmico e com função de construir, consolidar e circular o conhecimento dentro da comunidade científica. Sua estrutura potencial geralmente compreende os seguintes estágios: título, resumo, introdução, fundamentação teórica, método de análise, discussão dos resultados e conclusão (ver no quadro 5). Além disso, nessa organização, é comum que o artigo apresente elementos como agradecimentos, referências e representações visuais, como gráficos e tabelas, que também fazem parte da lógica composicional desse gênero.

Esses estágios apresentam características organizacionais internas distintas, refletindo as particularidades da área do conhecimento à qual o autor está vinculado. No estágio de discussão dos resultados, por exemplo, em sua forma prototípica, os dados analisados costumam ser interpretados com base em uma teoria e podem ser apresentados por meio de gráficos estatísticos. Ressalte-se que tais especificidades estruturais, conforme já mencionado, não são obrigatoriamente manifestadas em todos os textos, uma vez que sua ocorrência está condicionada à natureza da pesquisa e às convenções da respectiva área disciplinar.

No Quadro 4 a seguir, será possível observar como os estágios de *resumo*, *introdução*, *fundamentação teórica*, *método*, *análise de dados*, *conclusão* e *referências* se manifestam em um dos artigos científicos coletados para esta pesquisa.

Quadro 5 – Estrutura potencial do gênero artigo

<p><b>Resumo</b></p>	<p>Síntese do método utilizado, bem como dos resultados e discussão.</p>	<p>“Analisando descrições, narrativas de experiência e relatos de opinião do Banco de Dados IBORUNA e motivados pelo interesse em contribuir para o desenvolvimento da GTI, argumentamos que a construção de textos, por vezes, envolve um tipo de tópico que pode ser analisado como metadiscursivo, caracterizado por uma centração voltada para a negociação entre os interlocutores e indicação de um tópico a ser instalado no texto. [...]</p> <p>Concluimos que os tópicos metadiscursivos estampam a formulação textual intrinsecamente interativa assumida pela GTI, por serem voltados para a própria construção textual, e que apontar métodos de identificação dos referentes que são tópicos é reforçar o estatuto de referente de todo tópico discursivo.” (Garcia; Souza, 2024, p. 1)</p>
----------------------	--	--

<b>Introdução</b>	Localiza o texto no seu campo de pesquisa, mediante referências a pesquisas anteriores.	“No âmbito do Projeto de Gramática do Português Falado (Castilho, 1990), criou-se um grupo de pesquisadores responsável por estudos sobre a construção do texto, liderado por Ingedore Grünfeld Villaça Koch. Tal grupo enfrentou o desafio de definir fundamentos teórico-metodológicos para a análise textual sob uma perspectiva textual interativa, culminando na elaboração de uma proposta teórica de análise textual, conhecida como Perspectiva Textual-Interativa ou Gramática Textual-Interativa.[...]” (Garcia; Souza, 2024, p. 1-2)
	Identifica um problema que pesquisas anteriores não abordaram.	“Nesse sentido, ao estudar a macroestrutura do texto, o grupo constatou que um processo básico de construção textual é a topicalidade, ou seja, a organização do texto em tópicos discursivos, já que, ‘ao longo de um evento comunicativo, os interlocutores centram sua atenção em determinados temas, que se constituem como foco da interação verbal’ (Jubran, 2015a, p. 28). Guiado por essa constatação, tal grupo estabeleceu uma categoria analítica do texto, o tópico discursivo, entendido, de forma geral, como ‘acerca de’ que se fala’ (Jubran, 2006a, p. 35), categoria que permite a divisão do texto nos chamados segmentos tópicos. Cada segmento tópico (SegT) é uma porção textual que materializa a categoria abstrata do tópico discursivo e constitui, enfim, a unidade de análise da teoria.” (Garcia; Souza, 2024, p. 2)
	Estabelece os objetivos da pesquisa.	Nesse contexto de delimitação de procedimentos metodológicos para o estudo textual vinculado à categoria do tópico discursivo conforme seu tratamento na GTI, temos como objetivo, neste artigo, <sup>1</sup> oferecer contribuições de caráter metodológico para a análise do texto fundada em tal categoria, o que implicará em contribuições para a própria GTI. Mais especificamente, nosso trabalho compreende os seguintes objetivos: (i) argumentar que, na construção de textos, pode ocorrer a instauração de tópicos metadiscursivos centrados na definição entre os interlocutores e na indicação dos tópicos discursivos a serem desenvolvidos no texto; (ii) discutir e propor uma metodologia de nomeação dos referentes que, em um texto, assumem estatuto de tópicos discursivos. (Garcia; Souza, 2024, p. 2)
<b>Fundamentação Teórica</b>	Estabelece interesse profissional no tópico e/ou faz generalizações sobre ele.	“Como mencionamos na seção de introdução, a GTI estabelece como categoria analítica o tópico discursivo, compreendido como acerca de que se fala (Jubran, 2006a, Pinheiro, 2005), como o conteúdo informativo semântico básico do texto (Bernárdez, 1982; Brown; Yule, 1983; Van Dijk, 1980). Mais especificamente, considera-se que o tópico se manifesta no texto mediante enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de um conjunto de referentes, concernentes entre si e em relevância em determinado ponto da mensagem (Jubran, 2006b, 2015c; Pinheiro, 2005)” (Garcia; Souza, 2024, p. 4)

	<p>Cita, estende ou contra-argumenta pesquisas prévias, apontando lacunas.</p>	<p>“Ainda para Lyons (1977b), em sentenças com apenas uma expressão referencial, a expressão usada para referir aquilo sobre o qual estamos falando (o referente) é tipicamente o sujeito da sentença (Lyons, 1977b).<sup>4</sup> A respeito dessa noção de que o referente está relacionado àquilo acerca do que se fala, Brown e Yule (1983, p. 205, tradução nossa),<sup>5</sup> a partir da leitura de Lyons (1977b), dizem o seguinte: ‘O termo referência pode [...] ser [...] reservado àquela função pela qual os falantes (escritores) indicam, pelo uso de uma expressão linguística, as entidades sobre as quais estão falando (escrevendo)’.</p> <p>Com base nessa concepção de referente, é admissível reconhecer o tópico discursivo como um referente porque o tópico, na condição de tema do texto – “tema” concebido como aquilo sobre o que se fala em um discurso (Brown; Yule, 1983) –, pode também ser assumido como algo sobre o mundo, (re)construído no texto e tido como alvo do processo textual-interativo.” (Garcia; Souza, 2024, p. 6-7)</p> <p>“A nosso ver, para aprimoramento do instrumental metodológico da GTI, é, de fato, relevante o reconhecimento, aqui proposto, de que a construção de textos envolve, por vezes, a instauração de tópicos metadiscursivos, particularmente de tópicos centrados na própria elaboração tópica do texto. Primeiramente, trata-se de constatação que ainda não havia sido atestada e discutida no conjunto de trabalhos realizados pela abordagem até o momento. Além disso, a constatação parece-nos significativa, sobretudo, porque propicia à GTI um empreendimento analítico mais completo e preciso.” (Garcia; Souza, 2024, p. 6-7)</p>
<p><b>Método</b></p>	<p>Elenca os métodos utilizados, incluindo equipamentos e procedimentos.</p>	<p>“Do Banco de Dados, selecionamos, então, 10 descrições, 10 narrativas de experiência e 10 relatos de opinião,<sup>14</sup> escolhidos de modo a recobrir a diversidade de tipos de informante representada no IBORUNA,<sup>15</sup> e decidimos pelo exame de descrições, narrativas de experiência e relatos de opinião porque esses textos podem ser considerados representativos de gêneros textuais predominantemente descritivos, narrativos e argumentativos, respectivamente, o que nos habilita a fazer reflexões a partir da investigação de textos de uma tipologia variada.</p> <p>[...]Com relação à nossa metodologia de análise, utilizamos o método de análise tópica (Jubran, 2006b, 2015c), o qual, com base nas propriedades particularizadoras do tópico discursivo – centração e organicidade –, explicadas anteriormente, possibilita a identificação dos tópicos discursivos de um determinado texto. [...]” (Garcia; Souza, 2024, p. 15-16)</p>
<p><b>Análise de Dados e Discussão dos Resultados</b></p>	<p>Retoma informações teórico-metodológicas.</p>	<p>“Também como dissemos na introdução, em nossas discussões, serão analisados dados extraídos de descrições, narrativas de experiência e relatos de opinião provenientes da Amostra Censo do Banco de Dados IBORUNA (Gonçalves, 2007),<sup>13</sup> que reúne amostras linguísticas da variedade do português brasileiro falado na região noroeste do estado de São Paulo, coletadas entre os anos de 2004 e 2007.” (Garcia e Souza,</p>

		2024, p. 16)
	Expõe e descreve os dados de análise.	“Como vemos em (12), as linhas 1-4 constituem um trecho autorreflexivo. Nesse segmento, a centração particular volta-se justamente para a definição, entre documentador e informante, do tópico discursivo central a ser instaurado no texto, o tópico “Casa da informante”, o que é uma evidência de que, nesse ponto da descrição, o discurso se desdobra sobre si mesmo, sendo referência de si próprio, fato que sinaliza a autorreflexividade, propriedade fundamental do metadiscurso, como aponta Risso (1999).” (Garcia; Souza, 2024, p. 16)
	Interpreta os dados, em função da teoria fundamentada e do contexto de pesquisa.	“Em outras palavras, o trecho em 1-4 é um SegT metadiscursivo não só porque indica o tópico discursivo central a ser abordado, o que é explicitamente anunciado em “eu vô(u) falá(r) da minha casa” (L. 4), mas também porque, ao indicar o tópico central, fornece pistas sobre a estrutura tópica do texto e, assim, sobre a própria construção textual, considerando que a organização do texto em tópicos é vista na GTI, conforme afirmamos, como um processo básico de construção textual. (Garcia; Souza, 2024, p. 17)
	Apresenta resultados de experimentos em forma gráfica e matemática.	Não aplica.
	Interpreta esses resultados verbalmente, comparando as descobertas com a literatura.	“Acerca dessa não participação direta do tópico metadiscursivo na construção tópica, recorde-se que Risso (1999), como tratado na seção sobre o metadiscurso na construção tópica, destaca que a metadiscursividade é um dos diferentes procedimentos verbais que sinalizam a instância de enunciação na estrutura textual, sendo um importante fator de ancoragem pragmática do conteúdo informacional. Nessa mesma direção, Jubran (2022) salienta que expressões metadiscursivas como a anáfora “a afirmação”, em (6), deixam em segundo plano sua funcionalidade no fluxo informacional do texto, deslocando o foco para o plano da enunciação.” (Garcia; Souza, 2024, p. 17)
	Argumenta sobre a causa provável do problema inicialmente apresentado.	“Em (12), essa presença um tanto potencializada da instância interativa na formulação textual ainda pode ser constatada pela observação da definição conjunta, entre documentador e informante, do referente que assumirá estatuto de tópico discursivo. Como notamos, a fala do documentador, nas linhas 1-3, sugere à informante o tópico a ser desenvolvido na descrição, por meio da ativação do referente ‘algum lugar em que a informante já foi’, especificado logo em seguida pelo próprio entrevistador com o emprego de ‘sua casa’.” (Garcia e Souza, 2024, p. 18)

<b>Conclusões</b>	Resume o raciocínio.	“Inserindo-nos em um contexto de estabelecimento de procedimentos metodológicos para a análise textual baseada na categoria do tópico discursivo, trouxemos para o centro da discussão duas questões envolvidas na metodologia de análise textual/tópica. A primeira delas diz respeito à elaboração de tópicos metadiscursivos na construção de textos, e a segunda compreende a metodologia de identificação de referentes com estatuto de tópico, envolvendo três procedimentos basilares.” (Garcia; Souza, 2024, p. 26)
	Consolida o espaço da pesquisa, com a possibilidade de indicar suas limitações.	“Enfim, sem deixar de reconhecer os limites deste trabalho, que são naturais em virtude do recorte exigido a toda pesquisa científica, importa ressaltar nossa proposta de contribuir para o desenvolvimento do aparato metodológico da GTI, uma teoria brasileira de análise textual. Juntamo-nos, assim, a outros trabalhos que também atuam na definição de procedimentos metodológicos no interior da teoria, como aqueles que demonstram a necessidade de se operar com SegTs na descrição textual-interativa, a exemplo dos estudos de Jubran (2015c) sobre o processo de parentetização e de Risso, Silva e Urbano (2015) sobre MDs.” (Garcia; Souza, 2024, p. 27)
	Recomenda uma estratégia de ação e/ou recomenda pesquisas futuras.	Não aplica.
<b>Referências</b>	Elenca referências de pesquisas anteriores.	Elenca 42 referências.

Fonte: Martin e Rose (2008, p. 2007) adaptado por Regina (2025, no prelo). Exemplo: Garcia e Souza (2024, dado de análise desta monografia).

No Quadro 4, a análise do artigo *Contribuições metodológicas para a análise textual fundamentada na categoria do tópico discursivo* (Garcia; Souza, 2024) evidencia tanto a correspondência com a estrutura esquemática proposta por Martin e Rose (2008, p. 207) para o gênero artigo científico, quanto a necessidade de atualização dessa estrutura, conforme discutido por Regina (2025, no prelo). De modo geral, os estágios *Resumo*, *Introdução*, *Fundamentação Teórica*, *Método*, *Análise dos Dados/Discussão de resultados* e *Conclusão* estão presentes e alinhados aos movimentos esperados no gênero (Martin; Rose, 2008, p. 2007; Regina, 2025, no prelo).

Desse quadro, duas particularidades observadas indicam deslocamentos em relação ao modelo prototípico (Martin; Rose, 2008): a primeira diz respeito à ausência de apresentação de resultados em forma *gráfica ou matemática*, prevista por Martin e Rose (2008), como característica do estágio de Resultados. Essa ausência é coerente com o campo da Linguística, especialmente nas abordagens qualitativas, em que os dados são predominantemente discursivos e analisados por meio da exposição interpretativa e não numérica.

A segunda particularidade é o artigo utilizado como exemplo não apresentar um movimento explícito de *recomendação de ação ou de propostas para pesquisas futuras*. Essa ausência ocorre, provavelmente, porque o foco do texto está em contribuir metodologicamente para a análise do discurso, oferecendo subsídios teóricos e procedimentos analíticos. Assim, as possibilidades de ampliação teórica e aplicação prática ficam implicadas na proposta metodológica apresentada, sem a necessidade de se tornarem movimentos discursivos destacados.

Por fim, cabe destacar, ainda, que o artigo, enquanto gênero acadêmico, demanda que os autores se posicionem de forma crítica diante do conhecimento produzido por outros pesquisadores, ao mesmo tempo em que constroem sua própria contribuição para o campo. Desse modo, compreender o artigo científico como um gênero complexo também nos leva a considerar os apontamentos de Bakhtin (2016), que os gêneros secundários (complexos), como o artigo científico, são constituídos por meio da combinação de gêneros primários (simples), os quais são incorporados, reorganizados e ressignificados nas práticas discursivas mais elaboradas.

Nesse sentido, a escrita desse gênero requer do autor o domínio de gêneros como o resumo, a resenha crítica, o fichamento e o relato de pesquisa para sua produção (Vian Júnior, 2011). Tais gêneros exercem papel formativo, pois permitem ao aluno-pesquisador desenvolver competências discursivas que serão exigidas na elaboração do artigo científico. Dessa forma, a familiarização com esses gêneros, ao longo da formação acadêmica, contribui para o desenvolvimento da autonomia na escrita e para a construção da voz autoral e científica das práticas acadêmicas.

Fundamentada esta monografia, relata-se a metodologia utilizada, no seguinte capítulo.

### 3 UMA METODOLOGIA DE LINGUÍSTICA APLICADA

Os procedimentos metodológicos se alicerçam nos princípios da Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday; Matthiessen, 2014), os quais integram o campo da Linguística Aplicada. Nesse encaminhamento, a pesquisa se desenvolveu no Sistema de Transitividade, vinculado à metafunção ideacional, priorizando a categorização dos processos verbais, conforme discutido nos capítulos precedentes. Em consonância a essa abordagem, a investigação desenvolvida segue uma abordagem qualitativa, que se propõe a interpretar a complexidade dos fenômenos sociais, sob a ótica dos sujeitos envolvidos, valorizando os contextos de produção, os sentidos atribuídos e as experiências vivenciadas (Creswell, 2010).

O desenvolvimento metodológico seguiu as seguintes etapas: (i) Leitura da bibliografia sobre o discurso científico e os fundamentos da LSF; (ii) Construção do *corpus*, composto por artigos científicos publicados em dez periódicos da área de Linguística, classificados como Qualis A1, nas avaliações da CAPES de 2016 e 2020; (iii) Identificação e categorização dos processos verbais presentes nos textos selecionados; (iv) Análise das ocorrências léxico-gramaticais, com suporte do *software* Atlas.ti. Vale destacar que esse percurso metodológico foi apresentado no projeto do PIBIC, que esta pesquisa integra, conforme apresentado no tópico de introdução desta monografia. Mais especificamente, esta é uma metodologia construída na tese de Regina (2025, no prelo).

Inicialmente, no processo de coleta de dados, foram considerados dez periódicos que publicam em Língua Portuguesa e foram avaliados como Qualis A1, conforme a CAPES (2016; 2020): 1) Alfa: Revista de Linguística; 2) Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso; 3) Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi; 4) Cadernos de Tradução; 5) DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada; 6) Ilha do Desterro; 7) Linguagem em (Dis)curso; 8) Linguística; 9) Revista Brasileira de Linguística Aplicada; 10) Trabalhos em Linguística Aplicada. No entanto, com base no critério de recorte temporal<sup>16</sup>, no processo de coleta dos artigos publicados no primeiro semestre de 2024, apenas seis periódicos disponibilizavam publicações que atendiam a esse critério. Assim, para o *corpus* final, foi coletado o primeiro artigo de Linguística de cada um desses periódicos

---

<sup>16</sup> Vale acrescentar: a delimitação do *corpus* dos artigos publicados no primeiro semestre de 2024 foi determinada em consonância com os prazos institucionais do projeto PIBIC, ao qual esta pesquisa está vinculada. Nesse sentido, optou-se por restringir a seleção aos artigos publicados no primeiro semestre de 2024, garantindo, assim, a viabilidade do cronograma de execução da pesquisa.

listados:1) Alfa: Revista de Linguística; 2) Ilha do Desterro; 3) Linguística; 4) Linguagem em (Dis)curso; 5) Trabalhos em Linguística Aplicada e 6) Brasileira de Linguística Aplicada.

A seguir, apresenta-se o Quadro 6, com os dados dos artigos que compõem o *corpus* desta pesquisa.

Quadro 6 – Descrição dos artigos que compõem o *corpus* da pesquisa

<b>Nº</b>	<b>Periódico</b>	<b>Título do Artigo</b>	<b>Autor(es)</b>	<b>Titulação dos autores</b>	<b>Área do saber</b>
<b>1</b>	Alfa: Revista de Linguística	Contribuições metodológicas para a análise textual fundamentada na categoria do tópico discursivo	Garcia; Souza	Doutores	Linguística Textual
<b>2</b>	Trabalhos em Linguística Aplicada	Literatura e ensino de línguas adicionais:  discursos e práticas em tensão	Andrade	Pós-doutorado	Linguística Aplicada
<b>3</b>	Linguagem em (Dis)curso	Do fato da língua na constituição de políticas públicas: arquivo, memória e imaginário	Montagner	Doutora	Linguística Aplicada
<b>4</b>	Revista Brasileira de Linguística Aplicada	Política, (educação de) língua e cultura: questões interdisciplinares para a pesquisa e o ensino de língua portuguesa	Simões	Mestre	Linguística Aplicada
<b>5</b>	Linguística	Advérbios fóricos como expressão de intersubjetividade	Camacho; Oliveira	Doutor; mestre	Gramática Discursivo-Funcional
<b>6</b>	Ilha do Desterro	Tecnologias digitais, letramentos e design multimodal: uma prática pedagógica teoricamente informada para a expressão oral em inglês no contexto brasileiro	Dias; Oliveira	Pós-doutorado	Linguística Aplicada

Fonte: Elaboração própria (2025)

Cabe destacar que, além das informações básicas sobre os artigos, como título, autoria e periódico, o Quadro 6 também apresenta a titulação dos autores e a área da Linguística, a qual cada trabalho está vinculado. A inclusão desses dados visa fornecer um panorama mais completo do *corpus*, possibilitando a compreensão das características do discurso científico analisado. Ressalta-se que a predominância de autores doutores não foi um critério de seleção, mas sim uma consequência do perfil das publicações consideradas, visto que os periódicos analisados, classificados como Qualis A1, tendem a publicar majoritariamente textos produzidos por pesquisadores oriundos de pós-graduação, sobretudo com a titulação mais alta desse nível.

Essa informação é relevante para a análise, uma vez que contribui para compreender o nível de desenvolvimento dos autores no fazer científico e a complexidade argumentativa dos textos, em comparação, por exemplo, com produções de estudantes em formação. Estes são níveis de ensino e aprendizagem de escrita discutidos por Martin e Matthiessen (2012). Sobretudo, são informações importantes para entender tais autores como integrantes de um contexto profissional, haja vista que ultrapassam o nível do discurso científico produzido em situação de ensino e aprendizagem da escrita desse contexto, em cursos de graduação, e integram o nível da escrita científica desenvolvida por profissionais já titulados na área. Da mesma forma, a identificação das áreas da Linguística permite evidenciar a diversidade interna do campo, mostrando como diferentes vertentes teóricas podem influenciar a construção do discurso científico.

Por fim, após a seleção e catalogação dos textos que compõem o *corpus*, os documentos foram inseridos no *software* Atlas.ti, em um projeto criado especificamente para esta investigação. Inicialmente, utilizou-se a ferramenta *Frequência de Palavras*, para gerar uma lista com todas as palavras presentes nos seis artigos do *corpus*. Essa listagem permitiu ao *software* mapear previamente as palavras nos documentos, facilitando a posterior localização de diferentes formas verbais, inclusive com flexões de tempo, número, modo e pessoa.

Na sequência, por meio da ferramenta *Pesquisar e Codificar*, foram pesquisados individualmente os verbos a serem analisados. Como ponto de partida, utilizou-se uma tabela de processos verbais prototípicos do gênero artigo, composta pelos verbos *afirmar*, *dizer*, *apontar*, *explicar*, *argumentar*, *falar* e *sugerir*, disponibilizada na tese de doutorado da professora Clara Regina. Essa tabela serviu como referencial inicial para a marcação das ocorrências no *corpus*.

Cada uma dessas ocorrências foi, então, examinada manualmente, para verificar se, no contexto em que aparecia, o verbo realizava a função de processo verbal. Durante a análise, observou-se também a presença de outros verbos com função semelhante, como *mostrar* e *ressaltar*, que, embora não constassem na tabela inicial, foram incorporados ao estudo, devido à sua recorrência e relevância no discurso científico analisado.

Concluída a verificação, foi utilizado o recurso *Gerar Relatório*, para produzir um relatório contendo as codificações efetivamente confirmadas como processos verbais. Esse relatório serviu como base para identificar os cinco verbos mais frequentes no *corpus*. Por fim, foram selecionadas cinco ocorrências representativas de cada um desses cinco verbos, totalizando vinte e cinco trechos que compuseram o recorte final da análise qualitativa.

Para encerrar esta seção, apresenta-se a seguir a Figura 3, com as categorias de análises adotadas para a investigação. Essas categorias foram construídas a partir das categorias Hallidayanas e visam descrever os padrões identificados no *corpus* analisado. Nesse sentido, a análise das ocorrências será orientada a partir de três categorias: participante Dizente, modalização com processo verbal e mensagem construída como Relato ou Citação. Cada uma dessas categorias oferece um recorte específico para compreender os modos pelos quais o dizer é configurado no gênero artigo científico, conforme será discutido no capítulo de análise.

Figura 3 – Esquema de categorias Hallidayanas para a análise dos processos verbais no discurso acadêmico



Fonte: Elaboração própria, com base em Halliday e Matthiessen (2004; 2014) e Regina (2025, no prelo).

#### 4 O DIZER NO ARTIGO CIENTÍFICO

O discurso profissional, quando manifestado por meio do gênero artigo científico, revela-se como uma prática institucionalizada de construção e disseminação de conhecimento acadêmico. Esse gênero, como dissemos no tópico 2.2, realiza-se em uma estrutura própria, voltada à exposição argumentativa e teórico-metodológico fundamentada. No entanto, escrever um artigo científico não é apenas seguir uma estrutura, exige domínio das convenções discursivas da área, argumentação apropriada, domínio e uso criterioso de fontes. Nesse sentido, o artigo científico representa um gênero discursivo que participa da legitimação do conhecimento e da identidade acadêmica do autor, exigindo habilidades que vão muito além da competência linguística.

Assim, é natural, em diálogo com as discussões de Martin e Matthiessen (2012), que haja diferenças significativas entre artigos produzidos por graduandos e aqueles elaborados por mestres ou doutores. O graduando, ainda em processo de formação, tende a reproduzir modelos e argumentos já estabelecidos, muitas vezes com dificuldade de assumir uma posição crítica ou autoral no discurso. Ainda, em processo de desenvolvimento de sua escrita, o graduando é orientado pelo profissional reconhecido como experiente em seu meio. Já o pesquisador experiente tende a ser capaz de construir argumentos autênticos, dialogar com diferentes perspectivas teóricas e empregar com propriedade os recursos linguísticos e retóricos esperados no meio acadêmico.

A seguir veremos como os processos *afirmar*, *dizer*, *mostrar*, *explicar* e *ressaltar* são usados nesse discurso. Nos dados analisados, conforme Halliday e Matthiessen (2014), destacamos em negrito os processos e com traço sublinhado os participantes e as mensagens construídas como Citação ou Relato. Primeiramente, destacamos realizações com o processo *afirmar*.

Quadro 7 – Ocorrências com o processo afirmar

Ocorrência	Complexo oracional	Fonte
A1	Com relação à noção de referente, Lyons (1977b) aponta que é comum dizer que palavras ou expressões, mas não conceitos, referem-se a coisas. Nesse contexto, tratando da referência, <u>o autor <b>afirma</b> que</u> , quando utilizamos uma sentença descritiva simples, <u>é frequentemente apropriado dizer que o que estamos fazendo envolve dizer algo sobre alguém ou alguma coisa, sobre uma entidade particular (ou entidades), ou grupo(s) de</u>	Alfa; Garcia; Souza (2024, p. 6-7)

	<u>entidade(s) do mundo.</u>	
A2	A definição de uma língua de prestígio ocorre em meio a um universo heterodiscursivo em que línguas sociais diversas estão em conflito e constituem a estratificação/divisão de uma língua nacional única, como o assim chamado Português ou ainda Português Brasileiro. Desse ponto de vista, <u>uma língua não é uma e variável, mas é uma e muitas</u> , como <b>afirma</b> o semanticista Eduardo Guimarães (2002).	Revista Brasileira de Linguística Aplicada, Simões (2024, p. 2)
A3	Ao erigir as bases da Linguística moderna, <u>Saussure (1977 [1916])</u> já havia apontado para uma natureza epistemológica inerente às ciências da linguagem, ao <b>afirmar que é o ponto de vista que cria o objeto</b> .	Linguística, Camacho e Oliveira (2024, p. 2)
A4	Ambas as categorias, espaço e tempo, são dependentes da categoria de pessoa. Por fim, além dos elementos dêiticos, a subjetividade pode ser indiciada por todas as formas que configuram uma atitude do enunciador (Benveniste, 1974, p. 85). Nessa mesma linha, <b>afirma Lyons (1982) que a subjetividade é o modo como as línguas naturais, na sua estrutura e no seu modo normal de funcionamento, permitem ao agente locucionário exprimir-se a si próprio e às suas próprias atitudes e crenças</b> (Lyons, 1982, p. 102).	Linguística, Camacho e Oliveira (2024, p. 3)
A5	Esse caráter do metadiscurso também pode ser notado no trabalho de <u>Jubran (2022, p. 229)</u> , que <b>afirma</b> que, <u>“no processo de rotulações metalinguísticas ou metadiscursivas, os objetos-de-discurso não dizem respeito à elaboração tópica” [...]</u> .	Alfa, Garcia e Souza (2024, p. 9 – 10)

Fonte: Elaboração própria (2025)

Nas ocorrências analisadas com o processo verbal *afirmar*, nota-se a predominância da projeção de vozes de autoridade dos teóricos por meio de construções não modalizadas, o que confere objetividade e respaldo argumentativo ao discurso acadêmico. Em A1, o aporte teórico é explicitamente mencionado como Dizente, e a projeção ocorre em forma de proposição. Proposição é uma unidade de sentido que expressa algo passível de ser considerado verdadeiro ou falso, como uma afirmação, negação ou constatação. No discurso acadêmico, proposições são comumente projetadas pelos processos verbais (Halliday; Matthiessen, 2014) configurando-se a mensagem construída. Nestes exemplos, são mensagens

do tipo Relato, que representam o que autores reportados disseram. Assim, são representações linguísticas do que estes autores reportados haviam dito anteriormente, em outra situação textual.

A atribuição clara aos Dizentes do tipo consciente, com a função social e cultura de ser humano e autor de texto científico, sem que essa atribuição receba marcas de modalização, reforça a função de ancorar o argumento do artigo em um conhecimento legitimado. Esse mesmo padrão se repete nas amostras A2, A3 e A4. Em A2, Eduardo Guimarães é reportado como Dizente de uma proposição teórica sobre a multiplicidade da língua. Em A3, Saussure é recuperado como autor da ideia, enfatizando o valor da construção teórica. Em A4, Lyons é trazido como autoridade para sustentar e relacionar a ideia do teórico mencionado anteriormente a ele. Em todas essas ocorrências, a ausência de modalização demonstra o uso do processo *afirmar*, como estratégia de construção de veracidade, que fortalece a voz do autor do artigo, por meio da incorporação de vozes externas, sem que haja necessidade de distanciamento ou projeção de Citação.

Diferente das ocorrências anteriores, em A5, a oração projetada aparece entre aspas, com preservação do texto-fonte. Isso caracteriza uma Citação, o que confere maior fidelidade e evidência ao discurso reportado. Essa configuração evidencia uma estratégia típica do discurso acadêmico, qual seja, fundamentar argumentos por meio da autoridade científica, assegurando credibilidade e suprimindo marcas de subjetividade do autor do artigo. De modo geral, a realização do processo *afirmar*, quando vinculado aos teóricos, contribui para a consolidação das teses apresentadas no interior do texto científico, funcionando como um recurso de legitimação argumentativa, típico do discurso acadêmico.

Seguem realizações com o processo *dizer*.

Quadro 8 – Ocorrências com o processo dizer

Ocorrência	Complexo oracional	Fonte
D1	Assim, ao reportar-se ao que vai ser dito, o discurso, simultaneamente, estabelece-se como evento e como objeto de menção, <u>o que permite <b>dizer</b>, conforme mencionamos, que o metadiscurso faz referência ao próprio processo discursivo.</u>	Alfa, Garcia e Souza (2024, p. 8-9)
D2	Entende-se que assuntos religiosos devem ser tratados na igreja, não na escola. A partir disso, <u>a nação e o cidadão se</u>	Revista Brasileira de Linguística

	forjam na escola, <b>diz</b> Petitat (1994).	Aplicada, Simões (2024, p. 8)
D3	E mesmo que elas não tenham a mesma função e a relevância dos instrumentos linguísticos, não se pode <b>dizer que não os tomem por fundamento e que a relação entre eles não possa ser colocada em perspectiva</b>	Linguagem em (Dis)curso, Montagner (2024, p. 4)
D4	Em consonância com a autora, <b>diríamos que este funcionamento da língua no âmbito da administração pública do Estado, que se propõe neutro e universalizante, quando, por outra via, é normativo e excludente, reflete o funcionamento de línguas de madeira</b> , uma “ilusão de uma total coincidência entre o visível, o dizível e o pensável, como efeito da pressão estabilizadora da administração, do saber técnico e da gestão simbólica sobre o movimento metafórico da língua” (Zoppi-Fontana, 2011, p. 71).	Linguagem em (Dis) curso, Montagner (2024, p. 8)
D5	[...] apresenta-se como um caminho unívoco de resposta, ao <b>dizer que a repetição do vocábulo “rotundamente” é usada “para resaltar las características de la mujer negra (la nariz, la boca, los dientes), sin dejar dudas, o sea, de forma clara y precisa. Es la valoración de una identidad”</b> (op. cit., p. 256).	Trabalhos em Linguística Aplicada, Andrade (2024, p. 8)

Fonte: Elaboração própria (2025)

No conjunto de ocorrências analisadas que envolvem o processo verbal *dizer*, observa-se uma predominância da Verbiagem como proposição modalizada, revelando um posicionamento discursivo por parte dos autores dos textos. Vale destacar, conforme Halliday e Matthiessen (2014), que a Verbiagem é a mensagem construída e conteúdo do que é, quando o processo verbal se realiza em oração simples. A Verbiagem é um participante do processo verbal que evidencia o que é dito; de modo diferenciado do Relato e da Citação, os quais projetam a mensagem dita, e esta é realizada como uma oração. Neste caso, em uma oração funciona o processo verbal e em outra o Relato ou a Citação. Ambas estas orações, na LSF, formam um complexo oracional.

Em D1, o processo *dizer* aparece em construção impessoal (“permite dizer”), marcada por uma modalização (“permite”) que suaviza o grau de comprometimento com o conteúdo projetado, sinalizando que se trata de uma possibilidade interpretativa, e não de uma afirmação. De forma semelhante, D3 apresenta a construção “não se pode dizer”, também

modalizada (“se pode”), cuja função discursiva é criar uma zona de atenuação e relativização do enunciado.

Já em D4, a forma verbal "diríamos" está na primeira pessoa, do plural, indicando um envolvimento coletivo e hipotético do autor com o que é dito, sugerindo que tal informação constitui uma possibilidade plausível, porém aberta a questionamentos. Diferente dessas construções, D2 apresenta um uso mais objetivo do processo verbal: a autoria do *dizer* é explicitamente atribuída a Petitat, configurando um Relato, não modalizado, em a mensagem projetada que funciona como argumento de autoridade, emprestando legitimidade à afirmação.

Em D5, também é apresentada uma configuração divergente da tríade de ocorrências. Assim como em D2, o processo *dizer* é empregado sem marcas de modalização, preservando a objetividade. No entanto, na projeção do discurso há reprodução literal do discurso original, evidenciando a valorização da forma enunciativa do autor citado. Essa escolha configura a mensagem como uma Citação. Assim, percebe-se que o processo “dizer” é empregado majoritariamente com recursos de modalização, que demonstram estratégias de atenuação da responsabilidade enunciativa.

Seguem realizações com o processo *mostrar*.

Quadro 9 – Ocorrências com o processo mostrar

Ocorrência	Complexo oracional	Fonte
M1	Caracterizando diferentes modalidades de metadiscorso, entre elas, a que envolve o esquema de construção do texto, <u>Risso e Jubran (1998) <b>mostram</b> que prefaciadores metadiscursivos podem indicar a proposição de tópicos discursivos a serem abordados pelos locutores</u> , como vemos no exemplo em (4), no qual o trecho em itálico, dito pelo documentador de um diálogo entre dois informantes do Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta (NURC), sugere que seu segmento subsequente adquira estatuto tópico.	Alfa; Garcia e Souza (2024, p. 9)
M2	<u>Os resultados <b>mostram</b> a existência da escala [Contexto Discursivo &gt; Contexto Situacional Restrito &gt; Contexto Situacional Abrangente]</u> , que prevê a existência de um acordo tácito entre os interlocutores na interação sobre a distância maior ou menor entre o conteúdo referenciado e o advérbio fórico envolvido. Quanto mais distante a relação, maior o ruído que causa na comunicação, situação que requer a reativação do	Linguística; Camacho e Oliveira (2024, p. 1)

	referente mediante o uso do fórico junto com um sintagma preposicionado especificador.	
M3	<u>Um olhar sobre a obra de Hengeveld e Mackenzie (2008) mostra que o foco recai sobre o Componente Gramatical.</u> No entanto, o refinamento do Componente Contextual, bem como o do Conceptual e o de Saída, contribuiria, certamente, para aumentar o poder explanatório da teoria.	Linguística; Camacho e Oliveira (2024, p. 9)
M4	<u>O fragmento discursivo em (6) mostra como o emprego da palavra gramatical isso encapsula completamente uma narrativa dada antes,</u> um processo licenciado apenas pela consideração de informações disponíveis no Componente Contextual Discursivo Restrito.	Linguística, Camacho e Oliveira (2024, p. 11)
M5	[...] ao ler o arquivo em sua forma mais ampla o objetivo é <b>mostrar</b> que os fatos significados nas políticas públicas estão sujeitos a interpretação e que a <u>“língua, na medida em que é constituída pelo deslize, pela falha, pela ambiguidade, faz lugar para a interpretação”</u> (Orlandi, 2007, p. 97).	Linguagem em (Dis)curso, Montagner (2024, p. 5 – 6)

Fonte: Elaboração própria (2025)

Nas ocorrências M1 e M3, o processo *mostrar* é atribuído a autores e/ou obras, funcionando como estratégia de ancoragem teórica. Já em M2 e M4, Dizentes simbólicos, como “os resultados” e “o fragmento discursivo”, realizam o processo, revelando uma tentativa de objetivar o conhecimento e deslocar o foco da autoria individual na análise dos dados. Essa alternância entre agentes humanos e não humanos evidencia diferentes estratégias de construção argumentativa no discurso acadêmico.

Em sua gênese, *mostrar* é um processo material, uma vez que envolve uma ação concreta, voltada à produção de evidências visíveis ou cognitivamente perceptíveis. No entanto, no contexto em questão, seu uso ultrapassa esse sentido inicial. A escolha por esse processo implica uma intenção de demonstrar, evidenciar e reforçar a credibilidade do argumento. Assim, a função desse processo verbal ganha densidade retórica e se transforma em um recurso estratégico de convencimento.

Na ocorrência M5, o participante Dizente é explicitado por meio da referência à teórica Orlandi (2007), cuja autoria é legitimada pela projeção da mensagem na forma de Citação. Apesar de apresentar essa configuração distinta, um aspecto que aproxima esta ocorrência das demais é a ausência de modalização no processo verbal empregado. Desse

modo, o processo mostrar não apenas projeta vozes no texto, mas atua como instrumento de validação e prova (Souza; Mendes, 2010), distinguindo-se, de processos como *dizer* e *afirmar*, que, geralmente, operam de forma mais descritiva ou explicativa. Observa-se, portanto, que os autores dos artigos em análise recorrem a esse processo para integrar o discurso do outro, em forma de proposições e/ou procedimentos, aproximando-o de uma função demonstrativa.

Seguem realizações com o processo *explicar*.

Quadro 10 - Ocorrências com o processo explicar

Ocorrência	Complexo oracional	Fonte
E1	Como <b>explica</b> <u>Risso (1999)</u> , em (3), <u>os segmentos metadiscursivos em itálico destacam o ato verbal solicitado ao entrevistado (enumerar)</u> , rotulando-o como um ato especificador do tópico proposto (mudanças sociais) e definindo o formato, não 8 A letra “L” seguida de ponto final dentro de parênteses é uma abreviação para a palavra “linha”.	Alfa, Garcia e Souza (2024, p. 8-9)
E2	Lagares (2011), na Política Linguística, lembra que a instituição de uma língua nacional na França ocorreu com a intenção explícita de subordinação de populações dos interiores a leis, produzidas em tal língua. Na Sociologia da Mídia, <u>Thompson (1998) explica que, através da tecnologia da imprensa, foi possível, dentre muitas outras mudanças sociais, interiorizar vernáculos no sentido de não apenas constituir uma esfera pública, como operar cotidianamente no processo de identificação nacional.</u>	Revista Brasileira Linguística Aplicada, Simões (2024, p. 9)
E3	[...] <u>Zandwais (2012)</u> , ao analisar o mito da homogeneidade da língua, <b>explica que a relação do sujeito com a linguagem não é imune à subordinação imposta pelo Estado</b> , porque, por meio dela, regulam-se os modos a partir dos quais o sujeito apreende o mundo, interpreta suas experiências e as inscreve em uma dada ordem simbólica.[...]	Linguagem em (Dis)curso, Montagner (2024, p. 9)
E4	<u>Scherer (2018)</u> , em estudo sobre a nomeação das línguas, <b>explica que toda nomeação é uma busca pelo real da língua</b> , por uma palavra que determine origem, dada a forma como somos interpelados pela língua e nossa necessidade de uma identidade inequívoca.	Linguagem em (Dis)curso, Montagner, (2024, p. 13)

E5	Isso <b>explica</b> <u>que as formas de distribuição, pela definição de estatutos, pela nomeação que se dá a estes são também meios a partir dos quais utiliza-se a língua para arregimentar a própria imagem que se faz dela.</u>	Linguagem em (Dis)curso, Montagner (2024, p. 13 – 14)
----	--	---

Fonte: Elaboração própria (2025)

Em E1, E2, E3 e E4, o Dizente é explicitado por meio de um grupo nominal que remete a autores (Risso, Thompson, Zandwais, Scherer), conferindo ao dizer um caráter de autoridade e legitimidade científica. O processo aparece no presente do indicativo, sem traços de modalização, o que reforça a tentativa de objetividade e impessoalidade no discurso acadêmico. Já na ocorrência E5, o participante Dizente não é explicitamente nominalizado, estando implícito no contexto da produção do artigo. Trata-se, portanto, de uma instanciação do próprio autor do texto, configurando a mensagem projetada como Relato.

Os Relatos introduzem proposições teóricas e conceituais, que contribuem para sustentar as teses defendidas pelo autor do artigo, funcionando como estratégia retórica para fundamentação do argumento. Essa configuração aproxima o uso de explicar dos processos analisados no aporte teórico, como “afirmar” e “mostrar”, especialmente quanto à função de apresentar definições, interpretações ou teses, com base em vozes de autoridade. O processo também marca um movimento de distanciamento autoral, em que o conhecimento é atribuído a uma fonte externa, não ao autor do artigo.

Seguem realizações com o processo *ressaltar*.

Quadro 11 – Ocorrências com o processo *ressaltar*

Ocorrência	Complexo oracional	Fonte
R1	Para a discussão que nos propomos a fazer neste trabalho, importa <b>ressaltar</b> <u>que, apesar dos ajustes formais e semânticos do predicado verbal à nominalização, a nominalização preserva, por herança, traços sintático-semânticos do termo verbal</u> , a exemplo da categoria semântica representada por (11a), estado-decoisas, <sup>10</sup> que é a mesma designada por (11b), <sup>11</sup> o que é uma evidência de que a transformação de uma predicação em uma expressão referencial, por meio de uma nominalização – transformação que permite reconhecer um referente –, pode representar o conteúdo semântico fundamental dessa predicação, <sup>12</sup> sendo, pois, um	Alfa, Garcia e Souza (2024, p. 14)

	procedimento eficaz para dar nomes aos tópicos discursivos, como discutiremos na seção seguinte.	
R2	Cabe mencionar também que, no campo dos estudos literários hispânicos, há uma grande incidência de pesquisas que focam a produção literária em prosa (contos, romances, cartas etc.): 30 dissertações de mestrado e 33 teses de doutorado. Além disso, vale <b>ressaltar</b> <u>que uma parte expressiva dos trabalhos dessa subárea abordam questões relacionadas aos estudos culturais, focalizando textos e temáticas ligados à interseccionalidade entre gênero, raça e classe na própria configuração dos objetos de pesquisa e reflexão.</u>	Alfa, Garcia e Souza (2024, p. 3 – 4)
R3	É relevante <b>ressaltar</b> <u>que tanto Giomi (2014) quanto Connolly (2007) concordam com o fundamento situacional das informações compartilhadas tanto no processo de Formulação quanto no de Codificação.</u> Concordam também que a informação contextual é, primeiramente, inserida no Componente Conceptual para depois passar para o Componente Gramatical. [...]	Linguística, Camacho e Oliveira (2024, p. 12)
R4	Denominadas “simples alfabetização”, segundo os pesquisadores desse grupo, tal pedagogia, associada à era da escrita, centra-se na noção de um sistema estável de uma única língua baseada em regras gramaticais e na monocultura (p. 64). Salientam ainda que <u>as mudanças contemporâneas impactam a educação na atualidade e <b>ressaltam</b> a necessidade de uma ressignificação das práticas educativas</u> para que todos os alunos possam participar plenamente de suas vidas profissionais, vidas públicas (pela cidadania) e vidas privadas (no mundo de suas vidas) de forma crítica e solidária.	ILHA, Dias e Oliveira (2024, p. 5)
R5	Cabe <b>ressaltar</b> <u>que estas são as únicas línguas adicionais presentes na componente curricular Línguas Estrangeiras Modernas, do Programa Nacional do Livro Didático, desde sua criação até o edital do PNLD 2018.</u>	Trabalhos em Linguística Aplicada, Andrade (2024, p. 2)

Fonte: Elaboração própria (2025)

Nos trechos R1 e R2, observa-se o uso de estruturas impessoais, como “importa ressaltar” e “vale ressaltar”, atenuam a responsabilidade enunciativa e projetam o Relato como generalizações pertinentes ao desenvolvimento temático. Esse uso sugere uma tentativa de orientar o leitor para pontos considerados prioritários na argumentação, funcionando como marca de organização interna do discurso acadêmico.

Já em R3, a estrutura “é relevante ressaltar que...” combina avaliação e modalização, conferindo maior densidade ao discurso apresentado. O autor assume, de forma mais explícita, uma postura de autoridade interpretativa, ao destacar o consenso entre dois teóricos, o que reforça o valor daquela informação dentro do desenvolvimento argumentativo. Nesse caso, o processo ressaltar não apenas orienta o foco do leitor, mas também serve para consolidar a legitimidade do conteúdo à luz de fontes especializadas.

Por fim, em R4, o processo verbal aparece atribuído a pesquisadores mencionados anteriormente no contexto, o que evidencia a integração de vozes externas no texto. A utilização do processo *ressaltar* nesse contexto funciona como uma estratégia de reforço argumentativo, por meio da voz do outro, legitimando a proposição sobre a necessidade de resignificação das práticas educativas. Já em R5, o processo *ressaltar* é mobilizado em construção impessoal (“cabe ressaltar”), reforçando a autoridade da voz do próprio autor. Nesse caso, há clara modalização, que destaca o conteúdo da proposição projetada como algo digno de atenção. A mensagem projetada é construída como Relato, funcionando como elemento de fechamento avaliativo para o trecho em que se insere. Ambas as ocorrências evidenciam como esse processo verbal opera na valorização de ideias e de organização discursiva, sendo um recurso que contribui na tessitura argumentativa do gênero artigo acadêmico.

Após a análise qualitativa das ocorrências selecionadas, torna-se relevante apresentar um panorama geral do uso dos processos verbais analisados no corpus. O Quadro a seguir apresenta as ocorrências dos processos verbais identificados no *corpus*, permitindo uma visualização desses recursos na constituição do discurso científico.

Quadro 12 – Ocorrências de processos verbais nos artigos do corpus

Processo verbal	Ocorrências
Afirmar	17
Dizer	16
Mostrar	10
Explicar	8
Ressaltar	8
Apontar	7

Defender	7
Argumentar	6
Destacar	5
Sugerir	3
Informar	1
Falar	1

Fonte: Elaboração própria (2025)

Como se observa, os processos *afirmar*, *dizer*, *mostrar*, *explicar* e *ressaltar* foram os mais recorrentes, sugerindo uma tendência do discurso científico de processos verbais que enfatizam a apresentação, a retomada e a legitimação de ideias ou de vozes alheias. Por outro lado, processos como *apontar*, *defender*, *argumentar*, *destacar*, *sugerir*, *informar* e *falar*, embora menos frequentes, também cumpriram funções importantes na construção argumentativa, principalmente nos momentos em que os autores assumem uma postura mais propositiva.

Na identificação e análise dos padrões de uso dos processos verbais no discurso acadêmico, a investigação das ocorrências também permitiu observar um aspecto relevante relacionado à forma de projeção das vozes: a predominância da construção da mensagem sob a forma de Relato em detrimento da Citação direta. Esse dado revelou-se expressivo, considerando que apenas sete ocorrências de Citação foram identificadas em todo o *corpus*. Tal escolha aponta para uma tendência dos autores em reformular e integrar discursos alheios em seus próprios termos, atribuindo sentido e autoridade às vozes externas de maneira mais interpretativa. Isso reforça o caráter autoral e interpretativo do discurso científico no contexto em foco, em consonância com as práticas enunciativas típicas do gênero artigo acadêmico.

Por fim, a distribuição dos processos verbais corrobora as análises qualitativas apresentadas ao longo desta seção, indicando que, embora o discurso científico valorize a objetividade e o distanciamento, ele se estrutura de forma a representar o conhecimento como algo construído socialmente, recorrendo a diferentes vozes e posicionamentos ao longo do texto.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação teve como objetivo analisar o funcionamento e a recorrência dos processos verbais, em um *corpus* formado por seis artigos científicos da área de Linguística, buscando compreender como as vozes são projetadas e como se dá a construção do conhecimento por meio desses recursos. Nesse sentido, foram analisadas ocorrências dos cinco processos mais frequentes nos artigos publicados nas revistas Alfa: Revista de Linguística, Ilha do Desterro, Linguística, Linguagem em (Dis)curso, Trabalhos em Linguística Aplicada e revista Brasileira de Linguística Aplicada, com base no Sistema de Transitividade.

A análise das ocorrências revelou que os processos verbais não são empregados de forma aleatória, mas seguem padrões recorrentes de configuração, relacionados à maneira como o conhecimento é apresentado, justificado ou enfatizado. Esses padrões envolvem combinações específicas entre o Dizente, o processo verbal e a organização da mensagem, como sintetizado na Quadro 8 a seguir.

Quadro 13 <sup>17</sup>– Padrões de ocorrência dos processos verbais no discurso acadêmico

<b>Processo verbal</b>	<b>Padrão de ocorrência mais frequente</b>	<b>Função discursiva principal</b>
<b>Afirmar</b>	Dizente humano + processo + que + Relato	Reforço de autoridade e sustentação de tese
	Dizente humano + processo + que + Citação	
<b>Dizer</b>	Dizente humano + modalização + processo + que + Relato	Terceirização da autoridade
	Dizente simbólico + processo + Citação	
<b>Mostrar</b>	Dizente humano + processo + que + Relato	Validação e objetividade
	Dizente simbólico + processo + Relato	
	Dizente simbólico + processo + Citação	
<b>Explicar</b>	Dizente humano + processo + que + Relato	Elucidação e desenvolvimento teórico
<b>Ressaltar</b>	Dizente humano + processo + Relato	Ênfase argumentativa

Fonte: Elaboração própria, com base em Cabral e Barbara (2012).

<sup>17</sup> Conforme discutido neste trabalho, todo gênero apresenta uma estrutura potencial, a qual se adapta às convenções e objetivos de cada área do conhecimento (Espindola; Silva, 2013). Nesse sentido, opta-se pela inclusão deste quadro como recurso de síntese dos padrões identificados ao longo da análise. Tal escolha está em consonância com abordagens adotadas em trabalhos de referência da área, como o de Cabral e Barbara (2012).

No caso do processo *afirmar*, observou-se um uso predominante associado à sustentação de proposições assertivas e não modalizadas. A configuração mais frequente envolve um Dizente humano e um Relato que projeta conhecimento tido como consolidado. Trata-se, portanto, de um processo que não apenas introduz discursos diretos ou indiretos, mas que serve como procedimento argumentativo de reforço à tese, atribuindo credibilidade às proposições apresentadas.

Já o processo *dizer* revelou uma variedade de usos, tanto com Dizentes explícitos e simbólicos quanto em formas impessoais, o que sugere uma estratégia de terceirização da responsabilidade enunciativa. Essa alternância parece indicar uma cautela por parte do autor em relação às próprias afirmações, além de permitir a criação de um espaço interpretativo mais aberto. Ainda assim, *dizer* pode também ser mobilizado como marcador de autoridade, especialmente quando vinculado a fontes externas.

O processo *mostrar* apresentou uma configuração mais uniforme, associando-se tanto a dizentes humanos quanto não humanos, seja a mensagem projetada como Relato ou com Citação. Em todos os casos, a função discursiva está voltada à evidência, à objetividade e à legitimação do que se apresenta. Mais do que relatar, *mostrar* sugere um esforço por conferir validade empírica ou teórica aos argumentos, cumprindo uma função de validação do texto acadêmico.

Com relação ao processo *explicar*, ocorreu majoritariamente com Dizentes humanos explícitos, projetando conteúdos de natureza conceitual e teórica. As construções são reportadas, sem marcas de modalização, e visam introduzir ou desenvolver proposições explicativas que fundamentam a tese do artigo. Nesse sentido, sua função principal é elucidativa, mas com centralidade na exposição de relações e conceitos.

Por fim, no processo *ressaltar*, o padrão observado foi o de um Dizente, frequentemente o próprio autor do artigo, enfatizando pontos-chave de sua argumentação ou retomando aspectos considerados relevantes. O uso desse processo está associado à ênfase argumentativa, funcionando como recurso de destaque que reforça certos trechos do discurso, mas sem recorrer diretamente à citação de vozes externas.

Nesse percurso investigativo, foi possível identificar regularidades no uso dos processos verbais no gênero artigo científico, como também os processos mais recorrentes em textos da área de Linguística, no mais alto nível de publicação científica vigente. Além das ocorrências dos processos, observou-se uma preferência dos autores quanto a projeção da mensagem em forma Relato. A análise permitiu ainda compreender que as escolhas feitas

pelos autores quanto aos processos verbais (*afirmar, dizer, mostrar, explicar e ressaltar*) introduzem vozes no texto, mas também operam na organização argumentativa, na construção da autoridade e na gestão da responsabilidade enunciativa.

Além disso, a presente investigação insere-se no campo da Linguística Aplicada, ao promover uma análise léxico-gramatical do discurso acadêmico, concebido como prática social atravessada por relações de poder, autoridade e construção de saberes. Ao privilegiar a visão sistêmico-funcional dos processos verbais no gênero artigo científico, esta pesquisa contribui para uma maior compreensão das estratégias linguísticas utilizadas na produção e legitimação do conhecimento, em especial no campo da Linguística.

Outrossim, a realização desta pesquisa, vinculada ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, representou também uma experiência formativa essencial, pois contribuiu para o desenvolvimento de habilidades de investigação, análise crítica e sistematização teórica. Ao longo do processo, foi possível vivenciar de forma concreta o fazer científico, compreender os desafios da produção acadêmica e fortalecer minha identidade como pesquisadora em formação.

Diante da análise realizada, pode-se afirmar que os objetivos inicialmente propostos foram respondidos de maneira satisfatória. Foi possível identificar os processos verbais mais frequentes nos artigos analisados, mapear os padrões de uso associados a esses processos no contexto do discurso científico e compreender como eles contribuem para a representação da mensagem no gênero artigo científico.

Por fim, como possibilidade para pesquisas futuras, sugere-se a ampliação do escopo da investigação, seja pela inclusão de um número maior de artigos, seja pela análise de outras áreas do conhecimento, o que permitiria verificar a recorrência e a função dos processos verbais em diferentes áreas disciplinares. Além disso, é possível explorar outros gêneros acadêmicos, o que contribuiria para aprofundar a compreensão sobre como as vozes são projetadas e negociadas em distintos contextos de produção do saber. Ainda, uma investigação mais detalhada dos dados não contemplados neste recorte, como outros processos verbais além dos cinco principais, pode revelar nuances adicionais sobre a gestão da responsabilidade enunciativa no discurso científico.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Antônio. **Literatura e ensino de línguas adicionais: discursos e práticas em tensão**. UNICAMP, Campinas, n (63.1): 28-38, 2024.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português – encontro & interação/ Maria Irandé Antunes – São Paulo: Parábola Editorial, 2003. – (Séria Aula; 1).**

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso** I Mikhail Bakhtin; organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Borcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/> Acesso em: 23 mar. 2025.

CAMACHO, Roberto Gomes. OLIVEIRA, Pedro Henrique Truzzi de. Advérbios fóricos como expressão de intersubjetividade. **Linguística**. UFRJ, v20n1a63028, 2024.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto; tradução Magda Lopes; consultoria, super visão e revisão técnica desta edição Dirceu da Silva. - 3. ed. - Pono Alegre: Artmed, 2010.**

DIAS, Reinildes. OLIVEIRA, Flávia Medianeira de. Tecnologias digitais, letramentos e design multimodal: uma prática pedagógica teoricamente informada para a expressão oral em inglês no contexto brasileiro. **Ilha do Desterro**. UFSC, v. 77, p. 001-038, e98854, Florianópolis, 2024.

FUZER, Cristiane. CABRAL, Sara Regina Scotta. **Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional em Língua Portuguesa**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.  
GARCIA, Aline Gomes. SOUZA, Eduardo Penhavel de. **Alfa: Revista de Linguística**. UNESP, v.68, e18766, 2024.

HALLIDAY, M.A.K. MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Halliday's Introduction to Functional Grammar**. 4. ed., New York, London: Routledge, 2014.

KOCH, I. V. ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3. ed., 15ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2022.

MARTIN, J.R. MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Modelling and mentoring: teaching and Learning from home through school**. Hon Kong: Polytechnic University, 2012.

MONTAGNER CERVO, Larissa. Do fato da língua na constituição de políticas públicas: arquivo, memória e imaginário. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 24, p. 1-15, 2024. e-1982-4017-24-24.

MOREIRA, Rafaela. **Jornalista relata descaso ao procurar DEAM para denunciar o ex-noivo horas antes de ser morta; ouça áudio**. G1, 15 fev. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2025/02/15/jornalista-relata-descaso-ao->

[procurar-deam-para-denunciar-o-ex-noivo-horas-antes-de-ser-morta-ouca-audio.ghtml](#).

Acesso em: 18 mai. 2025.

REGINA, Clara Rodrigues de Souza. **O Dizer quer dizer?** a função do Processo Verbal Dizer, em artigos científicos A1 de Linguística no contexto brasileiro. Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING).

SERRANO, Layane. **“Minha missão é acabar com a escala 6x1”**, diz criador do Movimento VAT (Vida Além do Trabalho). Exame, 2024. Disponível em:

<https://exame.com/carreira/escala-6x1-movimento-vat-vida-alem-do-trabalho/>. Acesso em: 22 mai. 2025.

SILVA, Wagner Rodrigues. ESPINDOLA, Elaine. **Afinal, o que é gênero textual na Linguística Sistêmico-Funcional**. Revista da Anpoll n° 34, p. 259-307, Florianópolis, 2013.

SOUZA, Medianeira. MENDES, Wellington Vieira. Uma análise sistêmico-funcional do dizer em artigos científicos de graduandos. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, 28: Especial, 2012.

UOL. **Deputado petista sobre escala 6x1: "Se o debate for ideológico, já perdemos"**.

UOL, 13 nov. 2024. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2024/11/13/deputado-petista-sobre-escala-6x1-se-o-debate-for-ideologico-ja-perdemos.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 22 mai. 2025.